

GUSTAVO TEIXEIRA


EMENTARIO

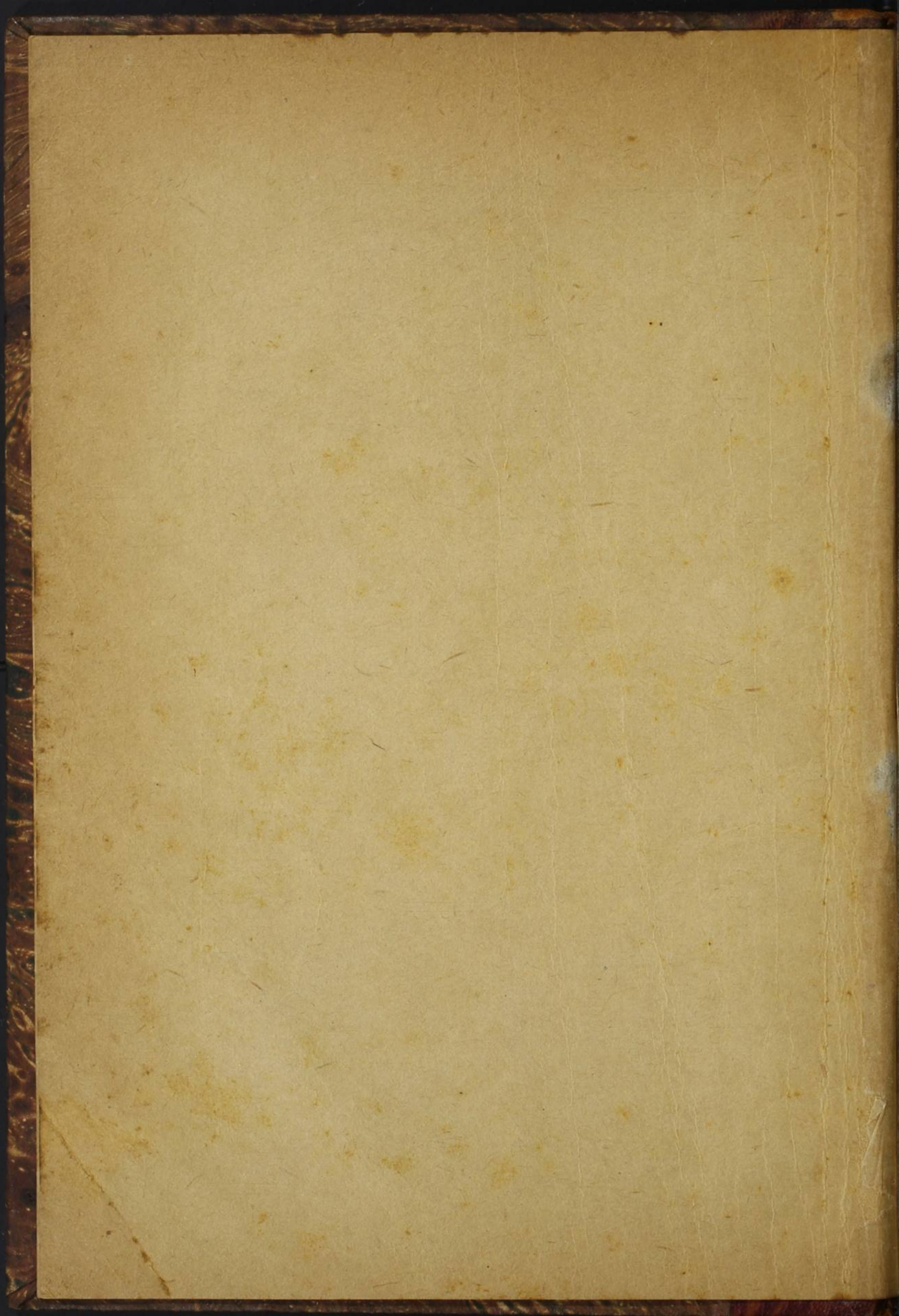
(1904-1907)

PREFACIO DE
VICENTE DE CARVALHO



1908
Typographia Maré & C.
S. PAULO





GUSTAVO TEIXEIRA

EMENTARIO

(Amor—Aquarellas—Cambiantes)

(1904-1907)

PREFACIO DE
VICENTE DE CARVALHO



1908
Typographia Maré & C.
Rua da Caixa d'Agua, 2
S. PAULO



LIBRARY OF THE

2

OF THE

Ao nobre confrade. Aristea Seixas,
um dos maiores poetas da actual
guarás, offerece
L. Paulo, 25-6-08 Gustavo Teixeira

3

Basta ás vezes um verso para revelar um poeta. Ha versos que, por assim dizer, ficam fulgindo nos olhos e cantando no ouvido de quem os lê. Nem sempre se poderá dar a razão da magia com que nos seduzem. E' difficil, quando não seja mais do que isso, decompôr a trama subtil de que se tece toda a poesia de uma curta linha de poucas palavras. Definir a belleza tem sido aspiração de inumeros criticos; não sei de algum que a tenha realizado. O que é certo é que a belleza se faz sentir, independentemente de se fazer comprehender, num bello verso como em tudo que é bello.

Um verso desses é um acaso feliz, de felicidade rara em alguns, frequente em outros, mas que os deuses propicios só concedem aos poetas que de verdade o são. A' cata della malbaratam a vida inteira os que consagram ao culto das musas toda a inutil energia das suas faculdades desamparadas da *vis divina*. Poderá accumular-se, immenso pelo volume, o resultado do seu affinco; porque, nessa especie bastante numerosa, nem sempre falta, e até sóbra ás vezes, a fecundidade. Conquistam elles a perfeição mecanica do metro, e adquirem legitimamente, com o suor do seu rosto e o concurso dos dictionarios, a riqueza, ás vezes opulenta, das rimas... E, com tudo isso, amontoando estrophes sobre estrophes, erguerão montanhas opacas de vulgaridades, de onde não se destacará nunca refulgindo o pequenino diamante inconfundivel de um verso verdadeiramente bello.

Si a poesia é um bem—e assim ha de parecer aos olhos dos que a namoram e requestam com paixão mal compensada e fiel — é bem que só se adquire *par droit de naissance*. Não

+
alio imm
mero

!!

4

ha esforço que assegure essa recompensa sem causa, que os deuses prodigalisam unicamente aos eleitos da sua graça. Si existe alguma vaidade mais vã do que as outras, será a dos poetas vaidosos. Bem espremido, o seu grande merecimento está em terem nascido. *Vanitas vanitatum.*

Seria talvez preferível, no interesse todo esthetico de uma melhor symetria das cousas, que a perseverança no culto do verso, e a fecundidade, sobretudo a fecundidade, fossem attributos menos communs nos versejadores infelizes, e mais intensos em alguns poetas, de voz sonora e rara... E' possível que os deuses parcialissimos andem erradamente, nisso como em muito mais. A justiça é invenção humana a que os deuses votam o mais distrahido desdem. A natureza é uma desordem moral permanente. Mas que se lhe ha de fazer? E' licito, pois a critica é facil, e não estamos incumbidos de executar melhor, criticar a acção dos deuses; mas não nos é dado corrigir-lhes os defeitos. Temos de acceitar o mundo como está feito á revelia da nossa opinião, e os poetas, bons ou maus, como nos apparecem nas obras que constroem por sua conta e risco.

Amemos os bons pelo bem com que nos favorecem, deliciando-nos a alma. A poesia tem alguma utilidade, ainda que só no ponto de vista puramente esthetico, como uma ornamentação da vida.

Perdoemos aos maus, fugindo-lhes. Mas não os condemnemos a pena mais severa, e antes deixemos que os acompanhe e console a nossa sympathia. Elles são inteiramente inoffensivos a quem não os lê. Ha rigoristas intransigentes

5

que classificam no quadro negro das más acções os maus versos. E' exagero. Os maus versos só são imperdoaveis nos bons poetas. Com os versejadores infelizes, afinal o que mais se perde — é o tempo delles ; si é que se pôde considerar perdido o tempo que subtrahem ás materialidades da existencia para o consagrar a uma preocupação espiritual . . . Os que amam a poesia devem, sinão estima, sympathia pelo menos aos que empregam no culto della, com fervor e boa fé, todos os zeros que têm dentro de si. Quem poderá calcular a porção de alma que ha num ruim soneto?

Os metrificadores sem sorte praticam um voluntariado inutil, mas bem intencionado: dependesse da vontade delles, e seriam todos optimos, e rendilhariam primores. Querer, e com intensa fé, mas não podem. Onde está nisso culpa que não seja de um odioso, de um desvairado destino? Segundo a moral humana, o merecimento consiste no esforço, e o premio compete ao merecimento. Os deuses, ao que parece, não adoptaram até agora a moral humana, que, a falar verdade, não se lhes terá imposto ainda pela auctoridade de uma experiencia sufficientemente provada na pratica. Elles darão talvez ás nossas theorias irrefutaveis um ironico sorriso de benevolencia. Quanto á regeneração dos seus costumes, é provavel que resolvam nisso com a pachorra de quem dispõe da eternidade.

*
* *

Vinha eu pensando tumultuosamente essas cousas vadias, a proposito de outra bem simples : o caso de um poeta novo,

6

que se me revelou, e adivinhei por um dos que nasceram bem fadados, nesta singela estrophe :

*Quem perde uma illusão ridente nada perde :
Pois outras illusões
Se abrem no coração, que é uma roseira verde
Coberta de botões . . .*

Pareceu-me, ao ler essa estrophe, que só um poeta de raça a teria escripto. Si eu fosse critico, pouco me custaria de certo deslindar os elementos de que se compõe o encanto daquelles quatro versos encantadores. Os criticos de nada duvidam, e se abalançam a tudo. Mas não sou critico, nem tenho inclinação para esse lado. Nunca achei quem me ensinasse porque me encanta uma alegre manhã de sol ; nem o procurei aprender, o que aliás talvez só conseguisse fazer estudando-o menos nas claras manhãs em si mesmas, do que na minha propria alma . . .

Confesso-me incapaz de descobrir por mim as regras a que terá obedecido o poeta para conseguir dar áquellas quatro curtas linhas todo o perfume de poesia de que tão impregnadas as sinto. E resigno-me a acreditar ingenuamente que elle, ao deixar cahir da penna aquelles versos lindissimos, nem se lembraria talvez de que havia no mundo regras para fazer lindos versos . . .

Uma estrophe assim é sempre um acaso feliz ; acaso procurado ou não, pouco importa, mas que só se depara aos que os deuses parcialissimos protegem. A inspiração é uma borboleta caprichosa, que só os afortunados encontram, e dentro de si mesmos . . . Um versejador vulgar, mourejando a vida inteira a forjar versos nos moldes de todas as regras, não lo-

Não se perde

+

Não entende

Quem encontra
porque procura
não encontra
por acaso

Curiosidade interessante
 e políaca. A curiosidade por
 si só já é interesse

7

graria nunca incrustar na sua vasta obra aquelle pequenino e luminoso diamante :

*Quem perde uma illusão ridente nada perde:
 Pois outras illusões
 Se abrem no coração, que é uma roseira verde
 Coberta de botões...*

Interessou-se-me a curiosidade pelo autor dessa estrophe. Indaguei; e vim a saber que era um rapaz de vinte e cinco annos, nascido e creado em São Pedro de Piracicaba, onde vive, e exerce as funcções modestas de secretario da Camara municipal. Não sei que vida ainda tão curta, e deslisada toda em tão remota e socegada villa, possúa historia que se conte. Mas a alma do poeta é differente da sua vida exterior; e tem uma interessante biographia, que se póde ler entre as linhas dos seus versos.

Percorrendo este livro, será facil ir atravez delle imaginando a lucta que renhiu, e as faculdades que nella teve de desenvolver o espirito de Gustavo Teixeira para attingir, no seu retiro quasi sertanejo, uma arte tão culta e tão fina. Porque o Ementario é livro de um estreante; mas, de modo nenhum, o de um principiante que apenas balbucia. Vejam este soneto:

Mentira. J. P.
 educou-se em
 J. Paulo, tem aqui
 um rodo, aqui
 a sua desenvoltura
 o forte pelo leito

através

Mal posto.
 fundado.

Cleopatra

*Sob o pallio de um céo broslado de cambiantes,
 A galera real, de tyrias velas tezas,
 Avança rio a dentro, arfando de riquezas,
 Cheia de um resplendor de pedras coruscantes.*

Renhar uma lucta não é certo. Renhar é
 sitivamente quer dizer pelegar, combater, dis-
 putar, pellar, e, pois, ninguém de pelegar
 a lucta, combater a lucta, disputar a lucta
 etc. A q' se quer dizer é q' o poeta tem
 a lucta renhar

*Sob um docel de bysso, entre espiraes ebriantes
De incenso, a esculptural princeza das princezas
Scisma . . . Remos de prata, à flôr das correntezas,
Deixam mobs jardins de bolhas trepidantes.*

*Soluçam harpas d'oiro às mãos de ancillas bellas ;
Branda aragem enfuna a purpura das velas
E à tona da agua alveja um espumoso friso.*

*E a Nayade do Egypto, ao ver a frota ingente
De Marco Antonio, ri, levando unicamente
Contra as lanças de Roma a graça de um sorriso . . .*

*Com maior affeito
e poderá deger
J. V. C. não sa-
be historia*

Pode-se affirmar com afouteza que quem cinzelou taes versos é um artista. Qualquer aprendiz inspirado poderá fazer resaltar, numa obra desigual, pelo meio de confusos defeitos, bellezas inesperadas. Mas acabar um soneto sem macula, mantendo de principio a fim o vigor da expressão, a limpidez correnteia das idéas na sobriedade harmonica das imagens e da phrase, é tarefa que só realiza um poeta já senhor de sua arte.

*não foi em
Piracicaba
foi em S. Paulo*

Como conseguiu Gustavo Teixeira, no seu inculto retiro de S. Pedro de Piracicaba, conquistar as preciosas qualidades de um fino e educado artista? Terá sido com esforçado amor de sua obra, e, principalmente, com muito talento, presumo eu. Taine quer á viva força que os artistas sejam um producto do seu meio. O moço poeta do *Ementario* dá um novo e vigoroso desmentido ao systema já tão contestado do critico; e faz-se mais um exemplo de que o talento é planta sempre exotica, que germina, e brota, e floresce, e fructifica, ao acaso, na terra carinhosa dos jardins como nas frinchas de uma rocha.

Gustavo Teixeira adquiriu, ou adivinhou, os segredos da forma; e esse elogio inclui o da sua inspiração. Dizia Goethe com razão e graça que um poeta, enquanto apenas dispõe de uma rica idéa, não possui ainda cousa nenhuma. Em materia de poesia, a expressão é tudo; com a condição, está visto, de ser expressão de alguma cousa, que dentro della viva e palpita. Um bello verso ha de conter forçosamente uma bella idéa, ou não será um bello verso, mas apenas um vago rumor. A poesia é uma arte puramente intellectual, e eloquente de natureza. Custa-me acreditar na eloquencia possível de phrases sem sentido, e sentido claro...

No verso, as idéas fundem-se na expressão, e não ha meio de as separar. Não creio que haja poetas da forma, e poetas de outra especie. Não sei de poeta digno desse nome que valha por obra em estylo atamancado, e não exprima, na lingua de ouro dos versos que ficam, idéas e sensações ainda não ouvidas. De todos os tempos e em todos os poetas, os versos que ficaram são os que têm a eternidade da perfeição, porque evocam, numa phrase perfeita, flagrantemente representativa e modelarmente concisa, algum aspecto dessa maravilhosa, dessa variadissima, dessa inexgotavel paisagem que é a alma humana.

+ Referi-me á sobriedade do poeta; é uma virtude austera e definitiva, que só os mestres attingem, que só os verdadeiros artistas praticam. O abuso das imagens é tentador como quasi todos os vícios. A belleza é simples; mas o exagero dos ornatos tem um brilho falso que fascina os olhos ingenuos. Si

Falca sou
Fina

Não se está
tratando de
phrases sem
sentido, mas
de verso q' eu
creio bella
idéa.

É o que
não tem J.T.

Está é susceptible de contentad. Não
sempre a belleza é simples.

10

ha cousa incompativel com a poesia, é o gongorismo, que, nas litteraturas, assignala as phases de pobreza e decadencia, e, nos individuos, é uma doença incuravel dos incapazes, e uma crise vulgar dos principiantes.

* * *

Não é um
dado

A poesia do *Ementario* flue como as claras e tranquillias nascentes de varzea, que apenas murmuram discretamente deslizando sobre uma areia macia. Gustavo Teixeira pertence ao resumido numero dos que carregam sorrindo o peso da vida. Maguas, e grandes, com certeza as terá soffrido: mesmo nos mais felizes a felicidade é sobretudo feita de resignação; e, nos poetas, a fantasia, aformoseando de miragens o horisonte, faz de quasi todas as realidades desencantos. Mas as suas maguas, não as desabafa elle em desespero e indignação, arremessando contra o ceu longinquo os seus versos, como flechas sibilantes e inoffensivas... As suas tristezas são melancolias suaves; ha sempre luar nas suas noites. O poeta do *Ementario* é um intellectual; creio que a sua unica paixão absorvente, dominadora, será o verso. No que se lhe depara, apenas o seduz o interesse esthetico. Os phenomenos da natureza, os incidentes da sua propria existencia, apparecem-lhe graciosamente como assumptos de estrophes. Em tudo quanto vê brilha um fulgor de rimas. Cantando as saudades de um amor feliz, o que mais o preoccupa é o meio ambiente:

*Fui ha dias rever o sitio nemoroso
Onde tu me juraste amor, presa em meus braços,
E inda senti pulsar meu coração ancioso
Como outr'ora escutando o ruido dos teus passos.*

gallier

11
A lua, lampejando em lagrimas acceza,
Desfiava em pleno azul o mystico rosario,
Diffundindo por tudo a agonica tristeza
Que bebera no olhar da Virgem no Calvario.

Todo o jardim estava em flôr como o deixámos,
Mas pairava por tudo um vago desconforto;
Horas e horas vaguei sob os floridos ramos
Como Jesus por entre as oliveiras do Horto.

O orvalho, que afogava as brancas açucenas,
Luzia como o pranto em palpebras humanas.
Os cravos, espalhando as petalas serenas,
Tinham a côr triumphal das purpuras romanas.

O jasmineiro abria os flócculos de neve
Como um solto collar de congelados beijos.
Parecia-me ouvir no choro da aura leve
Da tua voz celeste os ultimos harpejos.

Do velludo oriental das melindrosas flores,
Da bocca juvenil das nacaradas rosas
Subia incensalmente um halito de olores,
Uma fluida espiral de essencias vaporosas.

A rosa do Japão, que, ao léo, estremecia
A' brisa mais subtil que um sopro de creança,
Espetada no hastil, sangrando, parecia
Um coração suspenso á ponta de uma lança.

Os effluvios da noite enchiam-me toda a alma
Como enchem uma igreja as vaporaes de incenso.
Havia no mexer de cada mobil palma
As maguas que no adeus sacode no ar um lenço.

12

*E atroz recordação dos claros dias idos
— Mar em que o meu batel não encontrava escolhos —
A' bocca me arrancou gemidos e gemidos,
Fazendo transbordar os lagos dos meus olhos!...*

*Com que saudade agora, a suspirar, me lembro
Dos beijos que me deste em horas de delirio!
Não te recordas mais? Sorria em flôr Setembro...
Pobre sonho! Não teve a duração de um lírio!*

Percebe-se que o amor foi ali o pretexto, e a paisagem o assumpto. O que encantou o poeta foram as minucias do quadro em que elle se deteve a colher cuidadosamente imagens. E lindas imagens, inspiradas quasi todas pelo mundo exterior; mas nenhuma que revelasse num grito eloquente de paixão, num gemido de angustiada ternura, numa fulgurante lagrima de saudade, o que o poeta sentia do seu amor perdido; nenhuma de que resaltasse e em que revivesse o vulto dominante da mulher amada.

Gustavo Teixeira, intencionalmente ou não, encara e canta o amor como um gracioso ornato da existencia. E si aqui deixo esta observação, é para melhor frisar com exemplo referente á mais vigorosa das paixões que fazem palpar o coração humano, a impressão que me dá a poesia do *Ementario*: de que é naturalmente tranquillã e discreta. Tenho ouvido afirmar com desdem que o amor é um velho thema. Velho, será; envelhecido, não — nem na poesia, nem na vida. Anacreonte e Petrarca, Salomão e Byron, Ovidio e Musset, Camões e

Quem disse?

po entre os

hoje envelhecido? Ora...

Ora que curro: Petrarca — 1304-1374

Salomão —
Byron — 1788-1824
Ovidio — 43 a. b. - 16
Musset — 1810-1857
Camões — 1525-1580
Hugo — 1802-1885

13

Hugo, viveram e versejaram separados uns dos outros por se-
culos de distancia; e todos amaram de amores novos e viço-
ços, e todos cantaram o amor com vozes novas e frescas. Por-
que suppôr estancada de repente uma fonte de inspiração que
em todos os tempos manou sempre abundante? D'entre os poe-
tas, raros admittirão que não haja mais a dizer e ouvir do amor
cousas interessantes; d'entre os namorados, nenhum o acre-
ditará...

Por que

* * *

A arte, em todo caso, é a mais custosa e a mais exi-
gente das amantes. A producção da obra artistica demanda uma
apaixonada energia. Na poesia, as rimas são um luxo sumptuo-
so de pedras preciosas; as phrases em que se moldam as idéas
precisam ser de ouro, sonoro e fino. A poesia vive de rique-
zas que só se adquirem e accumulam por um aspero labor, ga-
rimpando assiduamente na lingua; lapidando pacientemente as
palavras até pôr a descoberto o seu brilho intimo, que é a sua
significação precisa e luminosa, domando, corrigindo, encami-
nhando a inspiração, muitas vezes inconsciente, quasi sempre
tumultuosa, sempre descuidada; submettendo-se ao regimen
severo do numero e do rhythm; e só assim se familiarisando
com essa difficil, maravilhosa linguagem que tão poucos falam, e
todos entendem...

me por-
fusão

curro

me e
bebe

Um livro como o *Ementario* representa — e disfarça na
simplicidade apparente e procurada dos seus versos — um esforço
violento e duradouro. Não o produziu o meio indifferente, si-
não hostile; fel-o o poeta, sosinho, desajudado, consagrando-lhe
o melhor de sua mocidade, sacrificando por elle a bemaventu-

Pois este sujeito não acho que 25 annos,
não é mocidade?

através

rança tão cobiçada de se deixar viver; trocando a delicia facil de apenas vegetar sobre a terra pela anciosa tortura que é o desejo insaciavel da perfeição. Só explica tão forte empenho posto em grangear tão modesto resultado, como é um livro de versos, aquelle fortissimo instincto, profundamente humano, que se rebella contra a morte, sonhando, para ainda depois della, uma continuação modificada da vida... A ambição de deixar a sua alma echoando sonoramente em outras almas, atravez dos tempos, é sem duvida o incentivo dos poetas, e a illusão de quasi todos elles. Que recompensa melhor promette alguma religião aos que estimula na incerta e penosa conquista do ceu?

* * *

Gustavo Teixeira quiz gentilmente associar ao seu livro de estréa o meu nome envelhecido, e aos seus versos algumas linhas de inutil prosa. Submetti-me ao desejo amavel do poeta, sabendo bem que nenhuma prosa alheia o recommendaria como os seus proprios versos. Dar conselhos é um dos privilegios que a idade se arroga, muito particularmente em prefacios, como este, enxertados em livro de estreante. Não sei si alguem terá auctoridade para aconselhar um poeta de talento; eu com certeza não a tenho, e não a pretendo. Um poeta de talento sente, adivinha por intuição, o que mais convem á feição do seu espirito. Si fosse possível, só um conselho seria licito dar-lhe: o de ter inspiração, e muito amor á sua arte. São qualidades que se não adquirem a conselho de outrem. Demais, Gustavo Teixeira possue-as ambas, e em alto grau: prova-o triumphantemente o *Ementario*.

S. Paulo, 1908.

Vicente de Carvalho.

*Que fuessem
dizer isto*

*Pode desajar
se me pedia*

a alpin, mas

aconselhar a guisa o do meu

piracema e amice

A FRANCISCO TEIXEIRA

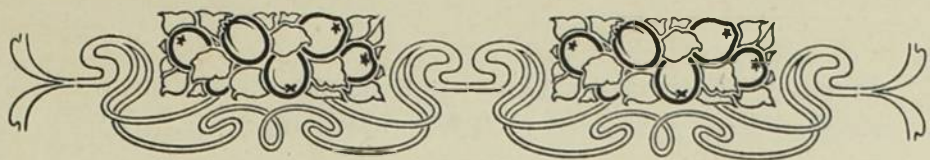
15

16

AMOR

17

18



A MORTE DE PETRONIO

Sobre uma pagina do QUO VADIS?

O triclinio é um jardim. Coroados de rosas,
Na fofez dos coxins de purpurinas cores,
Os convivas, pompeando as togas ondulosas,
Rendilham phrases delicadas como flôres...
Cae do tecto uma chuva ebriante de violetas.
Dos globos de crystal azul da Alexandria
Partem flechas de luz, transluminosas settas,
Que avivam o clarão da iriante pedraria.
A baixella resplende em brilhos d'oiro accesa
Entre folhas de myrtho e entrelaçadas heras
Que enfeitam vernalmente a lucullana mesa.
As ancillas liriaes — cheirosas primaveras —
Ungem de nardo e myrrha os pés dos convidados,
Mostrando os seios nús e o cabelo desnastro
Capazes de prender os deuses enlevados
Com fulvos fios d'oiro em postes de alabastro...
Matinal alegria os rostos illumina.
Das amphoras de prata aos calices radiantes

9
fulvo e oiro que
nem dizem a mesma
coisa

*Esta vale a pena
razão de ser*

*do vinho é que de
se capta o prazer
embriaga. De ipurios
não me parece con-
necto.*

Jorra o espumante Cós, que os animos domina,
Borbulhando á feição das fontes murmurantes.
Chocam-se, espaço a espaço, as primorosas taças
Em que fulgem astraes incrustações de gemmas,
E, entre sons de crystaes e scintillantes graças,
Petronio faz á Eunicia as confissões extremas...
Brilham opalas ricamente facetadas
Dando beijos de luz no alvor das jovens bellas,
E é tal a irradiação das joias abrazadas
Que a gente cuida estar no Olympo entre as estrellas!
A todos causa assombro o fausto regio, insano;
Das iguarias sobe o capitoso aroma:
Pois os raros festins do artista soberano
Rebaixam os festins do Imperador de Roma!
Petronio attrae as atenções da sala toda
Commentando, risonho, as corridas, a lucta
Dos gladiadores, os escandalos e a moda
Com toques de ironia alfinetante e arguta.
O vinho pouco a pouco os cerebros inflamma,
E em meio da palestra, occulta num gracejo,
Zumbe ferinamente a abelha do epigramma!
Sôa de quando em vez a musica de um beijo
Deposto na maciez de um collo de alabastro...
Petronio, ao derramar o Cós, que murmurinha,
(E a mão—cacho de anneis—flammeja como um astro!)
Annuncia que bebe em honra da rainha
De Chypre, a mais egregia e antiga divindade;
Faz um signal, e logo as cytharas sonoras
Vibram acompanhando a orpheica suavidade
Das vozes festivaes como um rumor de auroras...
Movendo com os quadris de redondez graciosa,
Dançarinas, vestindo estofos transparentes,
Bailam, deixando ver, como botões de rosa,
Os bicos de rubim dos seios lactescentes...
Depois um adivinho egypcio toma um vaso
E faz as predicções dos tramites da vida,
Que para alguns é um sol quasi a esmaiar no occaso,
—Pela coloração cambiante da bebida...
Petronio no coxim da Syria o torso apruma
E murmura: — «Acceitae, amigos, em lembrança
Deste dia, que o amor, como um jasmim, perfuma,

A taça em que bebeis numa cordial folgança!»
E fazendo faiscar a taça de Myrrhena,
Que do arco-iris ostenta os lucidos reflexos,
Firme qual justo ao fim da provação terrena,
Continúa perante os aulicos perplexos:

—«Eis a taça com que, neste feliz instante,
A' rainha de Chypre eu saúdo. Em verdade
Ninguém lhe tocará com os labios d'ora avante,
Nas libações em honra a uma outra divindade!»
E no fino mosaico ainda polvilhado
De açafão, accendendo um riso de victoria,
Em particulas quebra o mimo arcoirisado
Que tanta vez ergueu como um trophéo de gloria!
Ante o pasmo geral, Petronio, a rir, prosegue:

—«Dos males a velhice é o mais amargo e serio:
Mas, antes que com o seu cortejo infando chegue,
Vou transpor o limiar do nebuloso imperio...
Mas quero divertir-me ainda ao som de um hymno,
De Eunicia contemplar as fórmãs harmoniosas,
E, fechando a sorrir o livro do destino,
Adormecer sonhando entre perfume e rosas!
Eu já me despedi do satyro».—E, tirando
De sob o seu coxim de purpura uma carta,
Petronio a lê, o seu effeito prelibando,
Homerico e triumphal como um heróe de Sparta!

DE PETRONIO A CESAR

—«Sei que teu nobre coração espera
«Por mim com impaciencia a todo o instante,
«Que só minha presença é que pudéra
«Illuminar teu livido semblante;
«Que tu, que de favores me cumulas,
«Me nomeáras prefeito com agrado
«E Tigellinus guardador de mulas,
«Para o que pelos deuses foi creado.
«Mas desculpa-me, Cesar! Eu te juro
«Pelos manes de Seneca e Agrippina
«Que embalde ver-te sem horror procuro:
«Um invencível nojo me domina!
«Passada a juventude, o mundo é findo:

«A vida—série de emoções supremas—
«E' um thesoiro do qual, amando e rindo,
«Já extrahi as mais preciosas gemmas...
«Ha na existencia cousas que eu não posso
«Aturar por mais tempo : é-me impossivel !
«Todas as taças do viver de moço
«Já exgottei num goso inconcebivel.
«Não vás pensar que me affligiu o incendio
«Da orgulhosa cidade das collinas,
«Que cobriste de opprobrio e vilipendio
«E transformaste num montão de ruinas.
«Que importa a mim que só produzas mortes,
«Que despedaces corações humanos
«E para as sombras do Erebo deportes
«Os mais conspicuos cidadãos romanos ?
«Não ! ó neto de Chronos ! Outros actos
«Não se podiam esperar de Nero,
«A não ser o exterminio, assassinatos :
«Não ! de ti outras cousas não espero !
«Mas, escutar mais annos o teu canto,
«A dura voz de pifano rachado,
«Ver o teu ventre de causar espanto
«Gyrar na dança pyrrhica agitado;
«E ver-te recitar com indecencia
«As estrophes banaes de tua lavra,
«São cousas que eu não posso com paciencia
«Nem mais um dia supportar. Palavra !
«Para livrar-me de torturas tantas
«Eu vou dormir em purpuras immerso.
«Roma tapa os ouvidos quando cantas
«E chama-te imbecil todo o universo.
«Eu, que tenho apurados os sentidos,
«Por tua causa enrubecer não quero :
«Antes ouvir os rábidos latidos
«Do furioso tricephalo Cerbero !
«Envenena, mas cythara não toques !
«Incendeia cidades, mas não cantes !
«Mata, mas com teus versos não provoques
«Irreprimiveis risos humilhantes !
«Gosa saúde, dá festins de sangue
«A'quelles que, ao te ver, dobram os joelhos :

« ao ver-te »

«—Taes são os votos que eu, Petronio, exangue,
«Faço ao enviar-te os ultimos conselhos...»

Tremem todos ! A carta infunde horror funereo !
Parece que estão vendo um phantasma gorgoneo !...
Menos doeria a Nero a destruição do Imperio
Que essa declaração sincera de Petronio.
O Arbitro da elegancia então estende o braço
Ao esculapio que abre a veia : flue o sangue
Deixando no coxim um mais vermelho traço,
Emquanto Eunicia, que lhe ampara a fronte langue,
Balbucia : «—Senhor, julgaste que eu seria
Capaz de abandonar-te ? Ainda que me fosse
Offerecido o Imperio eu não hesitaria
Em seguir-te. Ao teu lado a morte será doce ! »
Nenhum receio agita a inveja das Camenas
Que affronta sem temor do Tartaro o castigo,
E Petronio, abraçando a eburnea flôr de Athenas,
Segreda com ternura extrema :—«Vem commigo...»
E do braço de Eunicia, aberto a um golpe, ardente
O sangue vae manando em fios de escarlata :
A um novo aceno de Petronio, suavemente
Harpejam em surdina as cytharas de prata...
Num timbre festival sôa de manso um hymno
Do rouxinol de Téos, do meigo Anacreonte,
E, languido, a sorrir, o estheta peregrino
Se apoia á loira grega unindo fronte á fronte...

Cala-se a voz dos instrumentos orchestrantes...
Despejam os rythons vinhos de Chypre e Samos.
Os famulos, de pé, com gestos elegantes,
Servem fructos do Oriente inda a pender dos ramos.
Depois de palestrar alegre e indifferente,
Petronio ordena (porque o vae prostrando o somno)
Que lhe liguem a veia. E dorme calmamente,
Mais feliz do que um rei na velludez do throno !
Ao despertar desata um riso satisfeito,
Um riso de ventura, um riso de delicia,
Vendo serena, reclinada no seu peito,
Como uma grande flôr, a cabeça de Eunicia...
Gorgeiam novamente as cytharas maviosas

este a não tem
crase.

Numa leve surdina, em crystallino choro,
Emquanto brandamente as vozes melodiosas
Cantam um hymno que é das Piérides um côro.
Petronio, cada vez mais pallido, sonhando
Aos accordes finaes do cantico apollineo,
Se volta para os seus convivas, elevando
Pela vez derradeira a voz num vaticinio :
—«Meus amigos, deveis reconhecer que finda
Comnosco...» e a sua voz expira num harpejo :
Mas, num supremo esforço, ao seio aperta ainda
A grega esculptural... para morrer num beijo !...

Um verso "volta a"
se.

asas de borboleta

Pela sala em silencio agora mergulhada,
—Como um continuo afflar de asas de borboletas—
Da rede d'oiro presa á abobada doirada,
Continúa a cahir a chuva de violetas...

O MEU IDÉAL

Meninas, lindas meninas,
Qual de vós é o meu idéal?
A. NOBRE.

Quando a tarde com o halito fumoso
Estende pelos valles e montanhas
Um turbilhão de tunicas extranhas,
De chlamydes de tulle vaporoso ;
E vão fluindo as opalinas fontes
Do ventre mastodontico dos montes,
Num soluçar de limpidos violinos ;
E em côro harpejam as aragens mansas
Como uma chusma de almas de creanças
Murmurando segredos crystallinos ;

E no beiral dos ninhos
Gorgeiam passarinhos
Como os doirados sonhos fulgurantes,
Os sonhos virginaes
Que passam pelas almas dos amantes
Cantando madrigaes :

—Eu vou scismar no artistico terraço,
Sob a vasta agonia do sol posto,
Vendo as nuvens correrem pelo espaço
Como as gottas de pranto por meu rosto !

E penso então na flôr dos meus desejos,
 Na virgem de contornos de alabastro,
 Cujó sorriso é um astro
 De celicos lampejos,

bon + —Na piedosa Beatriz estremecida
 Que ha de atravez dos circulos dantescos
 Do torvo inferno tragico da Vida,
 Num poema de episodios romanescos,
 + —Levar-me, alegre como as borboletas
 No matinal bailado,
 + —Por um fofo caminho de violetas,
 A' Gloria de uma alcova de noivado!

Jamais a vi, mas sei que é bella e casta,
 Que hei de adoral-a ardentemente... e basta!
 Seu nome? Não o sei! E' um sonho ainda!

bon + E' uma suave illusão fascinadora!
 Mas sei que é loura e linda, muito linda!
 Mas sei que é linda e loura, muito loura!
 Tem quinze annos apenas: é uma palma
 De quinze rosas cujo olor acalma
 Todas as dores. Seu cabello, solto
 Em anneis aromaticos, revolto
 Lhe rola pela espadua alabastrina
 Donde se evola dos jasmíns o cheiro,
 E é fino como os fios da neblina
 E longo como os ramos de um salgueiro...
 A sua voz de lyrica ternura
 Em que suspira um rouxinol dolente
 E' melodiosa e cheia de doçura
 Como um planger de cythara gemente!
 Seus beijos são de mel;
 E' a mais perfeita creatura humana:
 Casta como Suzanna,
 Nobre como Rachel!
 A sua bocca é do rubor das rosas,
 E o roseo coração,
 Quente como o verão,
Frouxo E' um escriinio de pedras preciosas!

Tem da açucena a mystica pureza,
A candidez de um lirio,
 Collo de cysne, gestos de princeza
 E a pulchritude das visões do Empyreo.
 A redondez das pomas recatadas,
 O talhe da cintura de Aphrodite
 E as regias mãos nevadas
 São o ultimo limite
 Da perfeição sonhada pela mente
 Enfebrecida e ardente
 De visionario artista
 Que planeja uma rutila conquista!

*Candidez de l-
 irio egypcio de
 princeza?*

Corpo de estatua! Joia que irradia!
 Urna de essencias! Taça de ambrosia!
 Hostia de beijos! Vaso de primores!
 Bouquet de mimos, de estellares lumes,
 De perolas e flôres,
 De auroras e perfumes!...

Onde estará aquella que procuro,
 Que um dia será minha,
 O liz nivoso e puro,
 Fragil como a andorinha,
 Que embalde chamo, supplice, ajoelhado,
 E em cujo seio niveo e perfumado
 Como um craveiro em flôr,
 Repousarei como num céu aberto:
 —Qual soffrego viajor
 Que, na aridez de um aspero deserto,
 Perseguisse lucifera miragem
 —Um enxame de brilhos deslumbrantes!—
 E no meio da torrida paragem
 Encontrasse um castello de diamantes!

Quando verei o archanjo estremecido
Que o coração espera amargurado,
De lagrimas vestido,
De espinhos coroados !

Ella ha de vir, a lucida chimera...

Guardae, ó Primavera,
Canções e flôres para o meu noivado !

P H R Y N I A

E' uma docil menina carinhosa
— Um assombro da esthetica divina! —
De uma sadia carnação de rosa,
Radiosamente loira e alabastrina!

E' tão ingenua como a borboleta — 4
Que anda a esvoaçar pelas manhãs de gala,
Ora em redor dos tufos de violeta, — 7
Ora entre as moutas de cecêns de opala.

Quando ella fala, a sua voz ridente,
De um timbre docemente crystallino,
E' tão maviosa e musical que a gente
Pensa escutar as notas de um violino...

Si alguém a visse num altar, na igreja,
Julgaria estar vendo a Virgem Santa.

A estrella do pastor pyrilampeja
Em seu riso que as perolas supplanta.

Quando — aos primeiros raios loirejantes
Do sol que rasga a teia das neblinas —
Ella sae a passeio, as orchestrantes
Patativas entôam cavatinas,

*seraphica
empyreo?*

Nem uma abelha a melindrar se atreve
Essa visão seraphica do Empyreo,
Alva, mais alva do que a propria neve,
Pura, mais pura do que o proprio lirio!

*Repete esta mesma
phrasa a pag. 25*

Agita-se a frondagem do arvoreda
Num jubiloso fremito de gloria,
E as flôres, murmurando-lhe um segredo,
Beijam-lhe a mão assetinada e florea.

Segue-a por tudo um côro de gorgeios.
No valle os melros — menestreis audazes, —
Rendilhando adoraveis galanteios,
Offerecem-lhe ramos de lilazes.

Osculam-n'a as phalenas furtacores,
Causando aos cravos pungitivo ciume.
Quando ella foge do vergel, as flôres
Soltam fundos suspiros de perfume...

E' muito meiga e timida. Si um ruido
Escuta, corre, pávida, offegante,
Rasgando nas roseiras o vestido,
Mais veloz do que a celere Atalante.

*Não conheço
azuleo. Azuleiro
sim*

Quando ella, o azuleo ambiente ensandalando,
Pêga em dous leques, doudejante e lesta,
Tenho medo que, as azas tatalando,
Vôe e se perca pelo azul em festa!

E' um gosto vel-a cheia de ternura
Amamentando uma boneca slava
De uma expressão de angelica doçura,
Olhos ceruleos, cabelleira flava.

Fala-lhe a rir com a bocca muito rente,
Ao lacteo seio aperta-a com delirio,
E beija-lhe a carinha gracilmente...
E' a estrella d'Alva acalentando um lirio!

+
+

Quando os meus versos, num enlevo, canta,
E' um rouxinol fazendo a sua prece...
Às vezes penso:—«Esta menina é a santa
Que num andor de rosas me apparece!»

Chamei-lhe «minha noiva» certo dia:
Ella escondeu as faces esbrazeadas...
A sua alma é uma alegre cotovia
Que anda a ensaiar suavissimas balladas!

uma e não a outra

Por essa Flôr que vem desabrochando
Cheia do casto aroma da innocencia,
Irei a minha lyra dedilhando
Atravez das batalhas da existencia...

MILAGRE

Em meu batel de velas côr de arminho
E flammulas de seda do Levante,
Eu me perdi no pelago marinho,
Numa sinistra noite fuzilante.

No plumbeo espaço, onde o trovão rugia,
Cobrejavam relampagos trementes,
E, abrindo a guela, o fero mar bramia,
Dos escolhos mostrando os serreos dentes.

Azas pandas, em trepido balouço,
O meu batel pairava, solto e leve,
Sobre a espumea ondulancia do marouço,
Como um giganteo passaro de neve.

X Então eu quiz, semianime de susto,
Chamar a Virgem, mãe do Lirio loiro,
E murmurei teu nome doce e augusto,
Que é o sacro harpejo de uma lyra d'oiro...

Nisto — oh ! milagre ! — emmudeceu o vento,
Affastaram-se as ondas marulhosas,
E flammejou escampo o firmamento
Num incendio de pedras preciosas !

Augusto

*arminho
fuzilante*

O LEQUE

Quiz fazer um presente delicado
A' Flôr cuja saudade me lancina,
Como compete a um joven namorado
Que adora uma romantica menina.

Amor flôr menina

E dei, com uma phrase carinhosa,
Um leque de varetas de marfim,
Num estojo de seda côr de rosa
Que trescalava a sandalo e benjoim.

No mimo cravejado de diamantes
— Aza subtil de plumas rosiclères, —
Estava escripto em letras rutilantes :
— «Guarda-o com zelo enquanto me quizeres.»

Annos apôs, quando transpuz a porta
Do seu discreto ninho de verão,
Entre flôres, de branco, achei a morta,
Com o leque aberto sobre o coração !

A' HORA DA PARTIDA

Flouso

*não sinto azules
Não sei porque se
Campagos de opala*

Loira, com seu collar de pedras preciosas,
Assoma a aurora a rir ao belveder de rosas . . .
A estrella d'Alva, anciosa e tremula, scintilla
E gradualmente abranda o fogo da pupilla.
No alto, as nuvens de jaspe, immoveis como tendas,
São thalamos reaes com baldaquins de rendas . . .
No espelho matinal do azuleo céu de gala
Phosphoreiam subtile relampagos de opala.
Como fluctuantes véos, retalhos de neblinas
— Ondulancias brumaes das vestes matutinas —
Se esgarçam, descobrindo a fronte da montanha
Que o dia — noivo astral — de beijos d'ouro banha.
Trescalam flôres. Canta o passaredo em festa . . .
E ah! que destino o meu! numa aurora como esta
Ter cheia de ais a bocca e os olhos rasos de agua!
— Ais de abrazante amor, pranto de acerba magua!
Partir! partir sem ver aquella que amo tanto,
Aquella que é da vida o derradeiro encanto,
Que tem candor de liz e aroma de verbena!
Partir sem lhe apertar a eburnea mão pequena
— Uma concha floral que para mim encerra
Os thesoiros do céu e os cabedaes da terra, —
E' peor que morrer bebendo fél, pregado
Nos braços de uma cruz, livido e ensanguentado! . . .

Eis-me em frente da alcova azul em que ella mora,
Do floreo camarim em que se esconde a aurora

Que me floriu a vida e illuminou minh'alma!
Ella dorme, a sonhar, virginalmente calma,
Como a abelha na rosa e a rosa na folhagem...
Esta alcova é um sanctuario: ha dentro linda imagem!
Ella dorme e talvez com anjos sonhe! O archanjo
Por quem, cheio de amor e angustia, a lyra tanjo,
Deve sonhar com o céu, deve sonhar somente
Com diaphanas visões de um brilho opalescente!
Talvez sua alma envolta em limpidos luars,
Vestida de clarões e raios estellares,
Corra, — as azas de luz abrindo, alvas e bellas, —
As ilhas de crystal flammante das estellas!
Como ha de ser risonho o somno d'ella! Um lirio
Não dorme assim, não dorme! E' um somno azul do Empyreo!
Como doce ha de ser o arfar daquelle seio
Que no alvor dos lençoes se occulta com receio
(A estrella d'Alva é assim!) da propria luz, das flôres
Que lhe dão por um beijo uma amphora de olores!
Ah! quem me dêra ver o candido abandono
Dessa estrella que dorme um crystallino somno
Entre nuvens de arminho e ramos de violeta! X
Não dorme assim, não dorme, a ingenua borboleta X
No collo da papoula... O somno da innocencia
E' um vôo para o céu numa espiral de essencia...
Como deve encantar a sua formosura
Na quietude da alcova ainda meio escura,
—O cabello a envolver o torso de alabastro,
Nos labios de carmin uma scentelha de astro,
As mãos cruzadas sobre o seio que palpita
Como o lago que um cysne, alçando o collo, agita!
Dorme... Sôa de manso o anhelito divino
Como um cicio doce e tenue de violino...
Ella dorme feliz, sonhando e rindo, enquanto
Dos meus olhos deriva amargamente o pranto!
Ah! si eu pudesse vel-a embora um só momento!
Um minuto que fosse! um só!... Si o meu lamento
Ella ouvisse, talvez meu choro a commovesse
E á janella, um instante embora, apparecesse!
Talvez aquelle rosto encantador e amado,
Pela aurora boreal do amor illuminado,
Inda uma vez eu visse! inda uma vez! e ainda,

Vendo aquella feição radiosamente linda,
 Eu pudesse exclamar: — «Eu te amo! Eu te amo! Eu te amo!
 «Com uma phrase enxuga o pranto que derramo
 «Para orvalhar-te as mãos que são preciosas flôres!
 «Desprende o teu cabello e inunda-me de olores!
 «Põe um favo de mel na minha negra taça!
 «Faze-me um astro rir nas trevas da desgraça!
 «Vou padecer demais longe de ti! Por certo
 «Se fecha para sempre o céu que eu via perto!
 «Concede-me um olhar, concede-me um sorriso
 «Para eu dizer no Inferno:—«Eu vim do Paraizo!»—
 E ella que é de Maria a filha predilecta,
 Que no seio agasalha a fragil borboleta
 Que encontra a congelar no berço de uma rosa,
 Talvez chorasse ouvindo a minha voz chorosa!
 Talvez se enternecesse ouvindo as minhas penas!
 Si ella por mim chorasse!... uma lagrima apenas!...
 — Uma gotta de orvalho argentea e pequenina
 Tremendo no beiral da palpebra divina...
 Uma gemma... um diamante... um rutilo pingente
 A luzir, a luzir miraculosamente...
 Minh'alma iria ao céu nessa gotta de pranto,
 Triumphalmente!...

Mas, não! eu não aspiro tanto!
 Bastava-me um «adeus» daquella voz tão doce,
 Tão cheia de ternura e mel como si fosse
 A voz de um rouxinol cantando na agonia!...

Mas, ai! não a verei! Ella repousa. E o dia,
 Como um imperador, do throno do Levante,
 Sob um amplo docel de purpura brilhante,
 Pompeando á frente o sol como um diadema d'oiro,
 Dos fulvos raios jorra o torrencial thesoiro...
 Chegou, enfim, o instante horrifico, medonho!

Adeus, mulher querida! Adeus, extremo sonho!...

A ROSEIRA

No jardim de Violeta, á despedida,
Plantei, num vaso d'ouro, uma roseira,
E, captivando a sua mão querida,
Disse num tom de magua verdadeira :

«Emquanto o amor com seu sublime encanto
«Te encher o olhar de lagrimas preciosas,
«Que esta roseira, que de joelhos planto,
«Traga sempre uma tunica de rosas...

Andei por longes terras levantinas,
Guardando nalma — escriptorio de saudades,—
Da sua voz as notas crystallinas,
Do seu olhar as doces claridades.

Quando volvi ao meu paiz risonho
Todo o jardim de flôres se cobria :
Mas na roseira do meu lindo sonho
(Pobre de mim !), nem um botão havia !

REMINISCENCIAS

Fui ha dias rever o sitio nemoroso
Onde tu me juraste amor, presa em meus braços,
E inda senti pulsar meu coração ancioso
Como outr'ora escutando o ruido dos teus passos.

A lua, lampejando em lagrimas acceza,
Destiava em pleno azul o mystico rosario,
Diffundindo por tudo a agonica tristeza
Que bebera no olhar da Virgem no Calvario.

Todo o jardim estava em flôr como o deixámos,
Mas pairava por tudo um grande desconforto.
Horas e horas vaguei sob os floridos ramos
Como Jesus por entre as oliveiras do Horto !

O orvalho, que afogava as brancas açucenas,
Luzia como o pranto em palpebras humanas.
Os cravos, espalmando as petalas serenas,
Tinham a côr triumphal das purpuras romanas.

O jasmineiro abria os flócculos de neve
Como um solto collar de congelados beijos . . .
Parecia-me ouvir no choro da aura leve
Da tua voz celeste os ultimos harpejos !

Do velludo oriental das melindrosas flôres,
Da bocca juvenil das nacaradas rosas
Subia incensalmente um halito de olores,
Uma fluida espiral de essencias vaporosas.

A rosa do Japão, que, ao léo, estremecia
A' brisa mais subtil que um sopro de creança,
Espetada no hastil, sangrando, parecia
Um coração suspenso á ponta de uma lança !

Os effluvios da noite enchiam-me toda a alma
Como enchem uma igreja as vaporaes de incenso.
Havia no mexer de cada mobil palma
As maguas que no adeus sacode ao longe um lenço...

E atroz recordação dos claros dias idos
— Mar em que o meu batel não encontrava escolhos —
A' bocca me arrancou gemidos e gemidos,
Fazendo transbordar os lagos dos meus olhos !...

Com que saudade agora, a suspirar, me lembro
Dos beijos que me déste em horas de delirio !
Não te recordas mais ? Sorria em flôr Setembro ...
Pobre sonho ! não teve a duração de um lirio !

CONSOLADO

Nunca mais te ouvirei as alliciantes falas,
Branco cysne taul,
Nem terei o hydromel dos beijos com que embalas
A alma num berço azul !

Nunca mais te unirei ao peito em doce abraço
Sob os astraes pharóes !
O meu castello veio abaixo num fracasso
De estrellas e de sóes.

Tudo está findo, tudo ! Adeus, miragem linda !
Adeus, loira illusão !
Adeus... porque hei de amar em breve outras ainda...
Não morre o coração . . .

Quantas mulheres tenho amado ! Quinze ou vinte !
Só vinte ? Muito mais !
E todas, como tu, brilharam num requinte
De graças virginaes.

Nathalia, Dulce, Esther, Lavinia, Fulvia, Ophelia
— Flôres do meu jardim —
De boccas de papoula e collos de camelia
E pomas de jasmim . . .

Dem

Primeiramente amei uma mulher por anno,
Depois — uma por mez,
E a todas consagrei o mesmo affecto insano :
A ti maior, talvez ...

Quem perde uma illusão ridente nada perde :
Pois outras illusões
Se abrem no coração, que é uma roseira verde
Coberta de botões !

*Esta poesia deve ser de
Francisco, como mostra
alexandria em hemistichos*

S O'

Avança lentamente o prestito da Noite,
A treva ondula desdobrando véos mortuarios.
A rajada, que vibra o sibilante açoite,
Povôa o espaço de soluços funerarios.

Preso na escuridão deste aposento mudo,
Escuto vozes funeraes, prantos doridos . . .
Como soffro! Minh'alma é um lirio de velludo
Que se desfolha em melancolicos gemidos !

A's vezes, como um ai de sangue, de repente
Surge, entre nuvens, a veronica da lua,
E, entre nevoas, de prompto, occulta o disco algente,
Da extrema restea recolhendo a espada nua.

Que frio siberiano as carnes me congela !
Que sorte hedionda me encarcera e me acorrenta
Neste exilio feral onde essa imagem bella
Não me sorri, não me conforta, não me alenta !

Quanto me dóe ouvir o flebil murmurinho
Das casuarinas, num assalto de desejos,
Sem ti, sem teu amor, sem teu olhar, sosinho,
Sem teu calor, sem teu perfume, sem teus beijos !

Quem me déra, no horror desta noite de Julho,
Ver-te ao meu lado, como outr'ora, suave e langue,
Com brados de alegria abafando o marulho
Dos vagalhões atropellados do meu sangue !

Quem me déra cingir-te o corpo alabastrino
De nympha grega com as algemas dos meus braços,
E da bocca arrancar-te um cantico divino
Pedindo beijos, supplicando mais abraços !

Ah ! si eu pudesse, haurindo o teu aroma ebriante,
Colher um lirio no jardim desse alvo collo,
E enrolar-me no vèdo do teu cabello ondeante
Como no linho dos lençóes em que me enrolo ! . . .

Mas preciso calar o coração que chora,
Porque estás longe, em terra extranha, em outro clima...
Como é triste sonhar nas trevas com a aurora !
Que desventura póde haver que mais opprima ?

E a Noite, que caminha, estuga o passo aereo,
E a nevoa cresce, e o vento ullula, e o frio corta,
Emquanto eu abro nalma — eterno cemiterio —
A sepultura da esperança ha muito morta ! . . .

IMMORTAL

Na gelada necropole do Olvido,
Onde jazem aquellas que adorei,
Quiz sepultar o archanjo estremecido
Que tanta vez nos braços apertei !

*Porque não
espermei*

Dentro de uma sombria sepultura,
Amortalhada num espumeo véo,
Colloquei-a calcando a terra dura
Sobre o pequeno esquife côr do céu.

Mas — oh ! destino infando ! — nesse instante,
Sacudindo a mortalha no caixão,
Como a filha de Jairo, deslumbrante
Ella se ergueu envolta num clarão ! . . .

Debalde heroico, o choro da alma ouvindo,
Enterro-a e digo : — «Até que emfim, Senhor !»
Ella abandona o tumulo, sorrindo,
Resuscitada pelo meu amor !

HORAS DE SONHO

Todos os dias, quando o sol empallidece
E expira em prantos d'oiro, amortalhado em rosas,
A minh'alma suspira, a minh'alma estremece,
Procurando abraçar figuras vaporosas !

Subo ao mirante e só, haurindo o cheiro intenso
Dos laranjaes em flôr, trazido pela aragem,
Embebo no horizonte um mesto olhar immenso,
A sonhar, a sonhar com feminina imagem !

De manso extranha magua o coração me invade
Por me sentir tão só ! tão só ! . . . Então padeço,
E enche-me os olhos de agua uma cruel saudade
De alguém que eu nunca vi, de alguém que eu não conheço !

Para me distrahir, fumo de instante a instante,
Seguindo a ondulação do fumo no ar perdido :
Mas até nesse frouxo e brumeo véo fluctuante
Parece-me que vejo as rendas de um vestido !

Agita-me um desejo avassallante e forte
De amar alguém que seja a flôr das creaturas,
Com um amor capaz de me trazer a morte,
Para servir de exemplo ás gerações futuras !

Canções pelas meninas
++
Abraza-me uma febre, uma vontade ardente
De apertar contra o seio uma lirial menina
E beijar silenciosa e apaixonadamente
A sua bocca em flôr, vermelha e pequenina!

E sonho... Ouço uma voz que balbucia a medo...
Queixumes de mulher ungidos de meiguice...
E palavras de amor ciciadas em segredo,
E phrases celestiaes que nunca ninguém disse!

Rim. febre
+
(Não sei donde me vem, como um presente d'oiro,
Um delicado, um fino aroma de violeta...
Não, não é de violeta: é de um cabello loiro!
E' o perfume subtil das tranças de Julieta!...

E, só, meu coração plange como uma lyra,
Até que a noite esfolha os goivos da tristeza,
E a estrella do pastor fulgura qual saphyra
Na lactea velludez de um collo de princeza...

A SAUDADE

A saudade é um fugaz aroma de violetas . . .

E. DE CASTRO.

No discreto jardim, entre floraes caçoulas,
Fitando o Occaso, que era um campo de papoulas,
Eu meditava ao pé do repuxo orvalhante
Que faz de um pingo de agua um rutilo diamante,
Arrancando do seio um lamento dorido
Como de uma harpa d'oiro um musico gemido . . .
Sangrando de tristeza, em lagrimas boiando,
Meu coração pulsava exulcerado quando
Descubro uma mulher vestida de violetas
Que exhalam, entreabrindo as roxas caçoletas,
Um perfume subtil de sonhos desfolhados...
São astros a chorar seus olhos angustiados,
Seus olhos tristes como as horas de agonia!
Tem ares de Belkiss e feições de Maria;
O seu leve rumor, que é magica surdina,
Parece o sussurrar da aragem vespertina
Brincando entre jasmims . . . Contemplo-a embevecido.
Nisto a excelsa visão, num harmonioso ruído,
Pousa em meu hombro a mão de nitido alabastro
Onde chispam anneis de fulvos brilhos de astro,
E muda, — como quem, num dia de amargura,
Colloca uma corôa em uma sepultura, —
Desata sobre mim o seu cabelo loiro
Como um choro estellar jorrando em fios d'oiro . . .

azulea, n.º.

— «Quem és tu? — perguntei: — archanjo, deusa ou fada?
 «De que azulea mansão, de que auroral morada
 «Vieste? Dize, visão talvez do céu descida
 «Para levar-me á astral Jerusalém querida!
 — «Eu sou a divindade a que tu rendes culto,
 «— Volveu-me a aparição: — do teu olhar me occulto
 «Para não avivar dessa alma ardente as dores
 «— Um ramo que perdeu inda em botão as flôres...
 «Sou a deusa do altar cujas imagens bellas
 «São aquellas que amaste, as candidas donzellas
 «Que passaram por ti cobrindo-te de rosas,
 «Fazendo-te sonhar cousas maravilhosas:
 «Cidades de crystal de athenica belleza,
 «Castellos d'oiro e prata e porphyro e turqueza
 «Por diaphanos vitraes bebendo claridade
 «E desafiando o Azul com seus torreões de jade!
 «São aquellas que out'ora, em versos rendilhados,
 «Vestiste de oiroleis, de purpura e brocados,
 «De espumeos brocateis, de arcoirisadas lhamas,
 «De escumilhas brumaes e vaporosas tramas,
 «E cujo eburneo collo, — alvo como a innocencia
 «De um bogari que encerra uma amphora de olencia, —
 «Cobriste de rocaes de perolas radiantes,
 «— Dessas que saem da alma em chuvas scintillantes...

*Porque espumeos
brocateis?*

«Quando na solidão, cheio de desconforto,
 «Evocas as visões de um grande sonho morto,
 «Eu faço desfilar pela tua alma em fóra
 «As humanas cecêns de voz de mel, sonora,
 «Fórmias de jaspe, olhar de seda, bocca breve,
 «Dos seios a pompear o lindo par de neve!
 «Branços lirios do céu! Creanças adoraveis!
 «Auroras virginaes de dias ineffaveis!

Formas

«A' hora em que se fecha o malmequer do Poente,
 «E as sombras vesperaes vão silenciosamente
 «Subindo em ronda alada a ravina dos montes
 «Donde deriva o pranto opalico das fontes,
 «E em que a magua abemola o canto dos pastores
 «E palpita em segredo o coração das flôres;
 «A' hora em que o planger das virações nas franças

Formas

«Tem a suave inflexão das vozes das creanças,
«E entre finos frouxeis, na tepidez do ninho,
«Balbucia a oração da tarde o passarinho;
«Ness'hora de um ferir de setta cariciosa
«Em que a primeira estrella, ingenua e vergonhosa,
«Apparece a tremer, baixando o olhar doirado,
«Como a noiva ao entrar na alcova do noivado :
«— Eu te levo ao meu templo eternamente aberto
«Onde de encontro ao seio immaculo te aperto,
«Mostrando-te uma a uma as formosas imagens
«Que te enlevaram como um brilho de miragens,
«Deixando-te a gemer no Golgotha da Vida,
«Vendo esfumar-se ao longe a Terra Promettida! . . .

Com passos de velludo a Noite vinha. Ardia
Na amplitude do céu a esparsa pedraria.
E com o estemma irial de branda claridade
O vulto feminino da mystica Saudade,
Que em rimas crystallisa as lagrimas dos poetas,
Affastou-se deixando um rastro de violetas . . .

*Agua de... from
+ el. ut. don. impre-
sada.*

f

DOUS AMORES

Amor pela menina

Um duplo e grande amor me abraza e me allucina
E me faz suspirar por fervidos abraços :
Adoro uma Phrynéa e uma gentil menina,
E tenho o coração partido em dous pedaços !

Quando vejo a Rachel quero ver outra logo,
É a que está longe chamo em delirantes brados,
E não posso romper as cadeias de fogo
Que com forças eguaes me prendem de dous lados.

Como um naufrago, lucto entre parceis, sem norte,
E entre os dous polos ardo em padecer eterno !
Uma é a visão da Vida, outra é a visão da Morte !
Uma desceu do Céu, outra subiu do Inferno !

Si pela mão direita o archanjo me segura,
Logo o genio do Mal por outra mão me péga,
E minh'alma, a tremer, fica na noite escura,
Vacillando, a tactear, como uma pomba cega !

Uma é a docil Beatriz a cujos pés eu caio,
Outra a diva pagã, a voluptuosa hetere ;
O riso de uma é um astro, o riso de outra é um raio ;
Um illumina e aquece, outro atordôa e fere.

Uma escuta o estridor da borrascosa tromba
Pedindo á Virgem Mãe que a ampare por piedade,
Outra affronta o cyclone e dos perigos zomba
Com sorrisos triumphaes de ardente claridade.

A primeira aprecia as harpas, os violinos,
A lyra, o cravo, o piano e a cythara sonora,
Os enxames de sons ethereos, crystallinos,
Que parecem sahir da bocca de uma aurora !

Aprecia as canções, as lyricas sonatas,
Que são torrentes de ais de uma alma lacrimosa,
As vibrações subtis, arias, mandolinatas,
Palestrina, Mozart, Bellini e Cimarosa.

A segunda prefere as musicas de guerra,
A fanfarra marcial de bellicos fragores,
A trombeta, o clarim, o píano que berra,
O cymbalo, o atabale, os sistros e os tambores ;

Apraz-lhe mais ouvir as marchas militares,
Os rufos de um adufe e os sons das castanholas
Que estridulosamente, em chocalhantes pares,
Cascavelam febris nas mãos das hespanholas.

Os olhos de uma têm a luminosidade
De uma aurora de Abril cheia de pombas mansas,
São quietos lagos onde em viva alacridade
Em bateis de crystal passeiam esperanças...

Os olhos de outra, sob os lugubres presagios
Das sobranceiras, são Estyges pavorosas
Feitas para colher, na angustia dos naufragios,
Dos sonhos juvenis as lindas naus pomposas !

Uma adora os jasmims de acariciante aroma.
As violetas, que são o seu maior thesoiro,
E os lirios côr de luz que prende á flava coma
— Borboletas dormindo em uma nuvem d'oiro...

Amor *Polos* X

a dahlia

Outra — a dhalia, a papoula, a rosa que embalsama
Todo um templo, ostentando as graças coloridas,
E os cravos purpuraes de petalas de chamma,
Que são os corações das mortas Margaridas.

De uma o cabello crespo é uma aloirada sombra,
Outra nas tranças tem os nocturnaes negroses.
O collo da primeira é uma cheirosa alfombra,
O collo da segunda é um espinhal com flôres.

A primeira é a creança ingenua e alabastrina,
Um sonho de Murillo, um typo de aquarella,
A vaporosa Ophelia, a castellã franzina,
Gracilmente lirial e lirialmente bella!

na morte

A segunda é uma flôr carnívora e robusta
Que seduz com o perfume e com os espinhos mata,
A sumptuosa Laís de uma alma de Locusta,
A Poppéa fatal de instinctos de pirata.

Uma no coração precioso tem myriades
De estrellas e o pudor da biblica Suzanna,
Outra — a crueza atroz da barbara Herodiades
Que fez calar de João a lingua soberana.

Uma é pudica e tem um ar de quem padece,
Outra — de uma amazona o arrojo formidando.
A voz de uma recorda uma serena prece,
A voz de outra recorda um grito de commando.

Uma faz orações, outra solta blasphemias,
Uma attrae com a bondade, outra com as fórmulas nuas.
Os seios de uma são duas estrellas gemeas,
Os seios de outra são duas marfineas luas...

Assim, vivo a lutar sem calma, a todo instante,
Com este duplo amor, numa ancia sem limite,
Entre a meiga Vestal e a perfida Bacchante,
Entre a Virgem Maria e Venus Aphrodite!

L E D A

Só, na mudez claustral da camara discreta,
Triste, eu pensava em Leda . . . Uma angustia secreta
Abalava-me todo, exulcerante e forte,
Como abala um arbusto o furacão do norte ;
E, fóra, o inverno, que é da terra o pesadelo,
Chorava aperolando as lagrimas de gelo . . .

Sobre a mesa, onde estudo e onde escrevera os versos
Que relia em segredo, olhos em pranto immersos,
— Estrophes onde aquella inolvidavel morta,
Cuja saudade ainda o coração me corta,
Fulgura para sempre envolta em brilhos d'oiro
Como em nicho de prata um lindo archanjo loiro ; —

Sobre a mesa, onde havia aljofares de pranto,
Eu abrira de novo o floreo escriptorio santo
Onde — tempo feliz ! — eu, cheio de cautela,
Guardava, ébrio de amor, tudo o que vinha della :
Bilhetes aromaes, velinos perfumados,
Folhas de malva, um leque e outros mimos sagrados.

De tudo se evolava uma espiral de essencia,
Um halito floral, uma sombra de olencia,
Como de um coração um intimo queixume
Quando a saudade accende o crystallino lume !
E, como outr'ora, eu via o lotus de virtude
Da ophelica belleza em toda a plenitude.

Rima foaca
X
E' muita fantasia. A es-
sencia não tem cor, e op-
ta-se a vida para dar
fôrma

Tinha presente alli o angelico retrato
Que ella, ainda creança ingenua, com recato
Me déra, a palpar, em hora de ternura :
Era a mesma feição de uma radiante alvura !
Era a graça de Abril na candidez de um lirio !
Por isso eu a adorei com febre e com delirio !

hem — E, ao pensar na cecém de mystica fragrancia
Que amei desde a manhã edenica da infancia
Até á hora fatal em que a tragou a cova,
Sinto que a minha dôr acerba se renova !
E, para o céu erguendo os lacrimantes olhos,
Fiz esta invocação tristissima, de giolhos :

«— Alma que habitas hoje a patria azul da Gloria,
«Livre das provações da humana trajectoria,
«Colhendo nos jardins de luz do Paraizo
«Corôas de jasmins da côr do teu sorriso ;
«Alma que tanto amei, alma impolluta e linda,
«Recorda-te de mim que te amo tanto ainda !

«Tu que foste no mundo o meu supremo sonho,
«A estrella do meu céu, o meu idéal risonho,
«O meu excelso orgulho, a fonte em que eu bebia
«Urnas de inspiração, amphoras de alegria ;
«Tu que punhas no olhar clarões de plenilunio
«Para me illuminar nos dias de infortunio ;

«Tu que com as roseas mãos banias meu desgosto
«Enxugando-me sempre as lagrimas do rosto,
«E trazias minh'alma, a rir matinalmente,
«Dentro do hostiario azul de uma illusão ridente,
«— Deixa por um momento a Bemaventurança
«E vem dar-me num beijo um raio de esperança !

«Escuta o meu gemido ! Escuta a minha prece !
«Deixa um instante o Céu ! Desce do Empyreo ! Desce !
«Meu anjo tutelar, minha noiva querida,
«Attende ! attende ! Traze um balsamo á ferida
«Cancerosa que escondo a padecer sem calma !
«Tem piedade de mim ! Tem pena de minh'alma !

«Não ouves os meus ais? Não vês como padeço?
«Não te lembras de mim que de ti não me esqueço?
«Em vão levanto ancioso os braços anhelantes
«Para esse corpo idéal, que eu apertava dantes,
«Bebendo o teu aroma, entre osculos de braza
«Cujo rumor lembrava um brando ruflo de aza!

«Não vês como, alta noite, a soluçar, procuro
«Por ti, que estás tão longe! e, soffrego, murmuro
«Teu nome que é um perfume ethereo de violeta? x
«Si não tens azas, pede a alguma borboleta
«Que t'as empreste: assim tu chegarás mais cedo x
«Para me consolar neste aspero degredo!

«Alma adorada e pulchra, alma adorada e branca,
«Apparece uma vez! só uma vez! Arranca
«Os espinhos que estão cravados no meu peito!
«Espírito querido, espirito perfeito,
«Ouve as notas febris e mestas dos meus hymnos x
«Cheios de angustia como um choro de violinos!... x

«Si é dado a quem partiu desta mansão de dores
«Volver á terra ingrata onde plantou mil flôres,
«Presta ouvido ao clamor de um misero que chora!
«Deixa a Estancia onde a vida é uma irisada aurora,
«E vem, astro de amor, com toda a claridade,
«Brilhar num coração que morre de saudade!...» —

Nisto, perto de mim, que soffro e choro ainda,
Vislumbro uma figura extranhamente linda
Numa ondulancia azul de luminosa bruma,
Que tudo em derredor enluara e perfuma;
E duas mãos de jaspe, e duas mãos pequenas
Destacam-se á feição de fluidas açucenas...

De linha em linha, um rosto idéal, que me deslumbra,
Alveja gracilmente em meio da penumbra
— Um rosto angelical que um nimbo d'oiro envolve.
E a diaphana visão, que o meigo ôlhar me volve,
Aos poucos se transmuda, aos poucos se transforma,
E claramente assume a feminina fôrma.

Circumdam-lhe o recacho as vestes ondulantes
Que lhe cáem aos pés em folhos neblinantes,
Cobertas de botões de gemmas incendiadas
E pulverisações de estrellas trituradas.
Pelo esplendor astral que a fronte lhe reveste,
Vê-se que ella baixou da habitação celeste.

O seu loiro cabello ondeante se desata
Em moveis caracões, em fulgida cascata
Pelos hombros de estatua eburnea que caminha
Com o donaire do cysne e a graça da andorinha.
O riso que lhe assoma á bocca perfumosa
E' uma gotta de luz ardendo numa rosa . . .

— «Leda ! Leda !» — aos seus pés cahindo, balbucio :
Ella, que vê desta alma o pelago sombrio,
Roçando sem rumor o tapete, deslisa
Como quem, a sonhar, fofez de nuvens pisa,
E, beijando-me a fronte e apertando-me ao seio,
Fala-me numa voz mais doce que um gorgueio :

— «Julgas que te esqueci ? Quando a alma fugitiva
«Sae da torre de argilla em que viveu captiva,
«Leva, como uma sombra, uma eternal saudade
«Que a segue pelo azul sem fim da Immensidade
«E a faz — pomba veloz que entre as estrellas erra —
«Volver o olhar a tudo o que adorou na terra.

«A alma conserva sempre o santo relicario
«Das affeições, e guarda em lucido ementario
«De paginas de luz — recordações de tudo :
«De um beijo, de um olhar, de uns braços de velludo,
«De um sitio, de uma flôr, de uma subtil fragrancia,
«De um lenço a sacudir adeuses á distancia !

«Desde que desatei os liames da materia
«E tomei esta fôrma impalpavel, etherea,
«Pensas que se acabou o amor que eu te votava
«E que me transformou em tua meiga escrava :
«No emtanto quanta vez o proprio seio firo
«Ouvindo a invocação que fazes num suspiro !

«Quando dormes, ao pé de ti, calada, velo,
«Apertando-te as mãos, beijando-te o cabelo
«Com ternura de irmã e carinho de noiva;
«Com um sopro dissipo a nevoa que te engoiva
«A fronte, a qual, outr'ora, a permutar blandicias,
«Eu velludosamente enchia de caricias!

blandicias e caricias são synonymos

«Nas noites hybernaes, de um frio que congela,
«Quando a brusca rajada, escancarando a guela,
«Pragueja fóra como um Hercules possesso,
«Eu do cabelo faço um manto fofo e espesso
«Para cobrir-te, e insufflo um pouco de quentura
«Nesse corpo que soffre a mais cruel tortura.

«Si estás enfermo, então — solicita enfermeira —
«Dias e dias passo á tua cabeceira
«Como uma borboleta ao pé de um lirio doente!
«E com fervor supplico ao Deus Omnipotente
«Que aclare os olhos teus — olhos de negros cilios
«Que já foram dous sóes illuminando idyllios! . . .

«Num plaustro de crystal puxado por dous sonhos,
«Eu ascendo contigo aos paramos risonhos
«Onde sôa a harmonia orpheica das espheras,
«Que tremeluzem como enxames de chimeras,
«Gyrando na amplidão, no circulo traçado
«Para as evoluções do sideral bailado.

«De outros mundos te mostro a iriante maravilha
«Emquanto, muito acima, o sol flammante brilha
«Contemplando em redor as estrellas de rastros
«— Nabuchodonosor da Babylonia de astros . . .
«E penetras assim em reinos deslumbrantes
«Onde ha mares de mel e serras de diamantes!

«Quando a sós, no cairel de hiante precipicio, —
«Estás a resvalar, de prompto, sem bulicio,
«Eu acudo e te amparo ás bordas da voragem;
«E pela asperidão dantesca da paragem
«Eu caminho ao teu lado, entre alcantis a prumo,
«Durante a viagem toda a dirigir-te o rumo.

Travessia

«Não ouves, muita vez, no rugitar do vento
«Um grito de agonia, um funebre lamento
«De uma lyra a planger? Sou eu que, visitando
«Este canto da terra em que viví amando,
«Pranteio sobre o pó de uma illusão saudosa
«Que a morte desfolhou como um botão de rosa!...

«Mas desponta a manhã. Chama-me o olhar da aurora.
«Não chores mais! Espera! Eu te amo como outr'ora!
«Vou para o Céu... Adeus!...» — Disse num leve harpejo,
E, dando-me na fronte o derradeiro beijo,
Evaporou-se...

Nesse instante, em gloria, o dia
A' porta de coral do Oriente apparecia...

AQUARELLAS

1000

O ARANHOL

Entre bromelias, junto á querula torrente
Que do plaino em que habito um longo tracto banha,
Num continuo labor, uma operosa aranha
Fia o rico enxoval de noiva, subtilmente. — + +

O tecido brumal, que nunca se emmaranha,
E' feito de um só fio, um tenue fio albente,
Que vae, de volta em volta, ininterruptamente, — + +
Tramando o brocatel de contextura extranha...

Verificar
Quando o sol se levanta enviando olhares d'oiro
E a aranha, distendendo a fibra, no thesoiro +
Da renda leve embala as illusões radiosas,

Dono
Na teia, que, filtrando orvalho, oscilla e pende,
A luz, que se refrange em cada gotta, accende
Uma aurora boreal de pedras preciosas !

A CONCHA

E' oriunda do Mar Jonio. Entre as areias de ouro
Da praia, — onde, espumando, a vaga de saphyra
Guirlandas de coraes e algas em feixe atira, —
Achei-a e guardo-a como o avaro o seu thesouro.

*9. mto bonito
muito bonito*

Seu murmurio parece ora o rumor de um choro,
Ora o mesto planger de uma queixosa lyra!
Entre as valvas, sangrando, um coração suspira
Pela amplitude azul do equoreo sumidouro...

Ouvindo-a, eu me transporto á liquida morada
Das nereides, e vejo Amphitrite puxada
Na grande concha irial de fulgidos matizes;

Beleza!
Vejo delphins, tritões, nymphas de pomas cheias,
E escuto a doce voz das ultimas sereias
E o profundo clamor dos nautas infelizes!

AS ESTATUAS

No jardim do castello, em magestosa fila,
Quedam marmoreamente as estatuas radiantes ;
O orvalho matinal, que, rutilo, scintilla,
A' cabeça lhes forma estemmas de brilhantes.

São os filhos da Grecia heroica. Entre bacchantes,
Silenos empunha a taça e Minerva, tranquilla,
A égide oppõe a Amor, que as settas coruscantes
Da aljava arranca, sempre em vão, para feril-a.

Riem nymphas gentis de olhos claros, serenos,
E scisma Apollo, o deus que em epocha remota
Dominou gerações e gerações de hellenos!

E Adonis, cujo olhar não ha pincel que imite,
Conserva na pupilla eternamente immota
A nostalgia azul dos tempos de Aphrodite...

*Nostalgia é um sentimento de saudade
e representa com o coração e mente
o passado*

AURORA

*Não compre-
hendo, demais,
a treva nua
depois a parir.*

Lento e lento, começa a migração da treva
 x Que deixa um rastro côr de cinza em cada fuma,
 É gradualmente rompe a grande paz nocturna
 O rumor que da terra aberta em flôr se eleva.

*Não me pare-
ce bem - flores
antes flores -*

Dos colibris acorda a iriada e plumbea leva,
 Pelos jardins bebendo aromas de urna em urna.
 A jalde luz, que enxota as sombras da cafunha, *Não é
verdade*
 Nas nuvens pinturisa um arrebol que enleva.

*Não me pare-
ce bem - flores
antes flores -*

Sob um arco triumphal de flavescentes flôres,
 Surge a Aurora sorrindo archangelicamente,
 Solto o cabelo astral de flavos esplendores;

++

E a estrella da manhã, de um resplendor de gala,
 Palpita no seu collo, illuminando o Oriente,
 Como num seio de oiro um coração de opala...

*Discordo do poeta: quando nasce a aurora
não é a estrella da manhã que illu-
mina o Oriente, mas a própria aurora,
cuja luz sobrepõe a da estrella es-
trela.*

A AGUIA

Azas de ponta a ponta abertas no Infinito,
Quasi roçando o Azul, já das estrellas rente,
A aguiã, no surto audaz, como os titans do mytho,
Tenta escalar o Céu, fitando o sol de frente.

E, sussurrando, solta o bellicoso grito,
Que é a nota de um clarim vibrando heroicamente,
Quando, vermelho, o sol, o leão flammicrinio,
Rola, sangrando luz, no boqueirão do Poente.

No ventre dos bulcões, onde se apinham raios,
Crava as garras de ferro e entre as nuvens marinha,
Indo as azas fechar nos cimos himalayos.

E, acima do homem vil, que anda a gemer de rastros,
No pinaculo dorme o somno de rainha,
Tendo por throno — a Terra, e por diadema — os astros!

VENEZA

*A uma veneziana**Recordo*

Nos teus olhos astraes de um brilho de turqueza,
Que ás horas do sol posto a nostalgia empanna,
Como no Golpho azul, retrata-se a Veneza
Dos tempos medievaes, sumptuosa e soberana.

Julie

O Adriatico ondula e a vaga espuma... Ufana,
Passeia oblonga nau latina com nobreza.
Nas praças e canaes a vida veneziana
Circula como o sangue em veias de princeza...

*Um cartaria
cria por...*

Esses olhos sem par encerram maravilhas!
Mirantes, cathedraes, castellos, parques, ilhas
E palacios ducaes, — tudo nelles se espelha!

Tudo: o mar onde um barco assoma e um outro foge,
E os bronzes, e os paineis, e as gondolas, e o Doge
Envolto na triumphal dalmatica vermelha!

MARINHA

Azas soltas á luz que os amplos céos alaga,
Vôam garças reaes de alvinitentes plumas.
A aragem, que palpita, acariciando a vaga,
Murmurinha de leve entre frouxeis de espumas.

Arrogantes galeões de velas côr das brumas
Manobram, mar a dentro, em rumo de aurea plaga.
Boiam conchas de opala e de orlas tyrias: umas
De voz mansa de idyllio, outras de voz presaga.

Um mareante senil, que o extranho clima tosta,
Contempla a soluçar, de um penhasco da costa,
Os espumeos lençoes que a mareta desfralda.

E no occaso, o diadema em chispas agitando,
Expira o sol, num beijo olympico arrancando
Aos glaucos vagalhões coriscos de esmeralda...

CLEOPATRA

mar a dentro

Sob o pallio de um céu broslado de cambiantes,
A galera real, de tyrias velas tezas,
Avança rio a dentro, arfando de riquezas,
Cheia de um resplendor de pedras coruscantes.

*mar não tem cor
dentro*

Sob um docel de bysso, entre espiraes ebriantes
De incenso, a escultural princeza das princezas
Scisma . . . Remos de prata, á flôr das correntezas,
Deixam mobeis jardins de bolhas trepidantes . . .

Soluçam harpas d'oiro ás mãos de ancillas bellas;
Branda aragem enfuna a purpura das velas
E á tona da agua alveja um espumoso friso.

+ + —

E a Nayade do Egypto, ao ver a frota ingente
De Marco Antonio, ri, levando unicamente
Contra as lanças de Roma a graça de um sorriso...

*Foi quem primeiro se pôz em fuga na
batalha de Actium.*

*Anda aqui de
canta uma música*

CELIA

E' meiga como Ruth e loira como Ophelia
E tem uma expressão de Mater Dolorosa !
No entanto é alegre como uma andorinha ! Impelle-a
Para o folgado a sua idade descuidosa.

O seu nome do céu tão bem lhe fica — Celia !
Assume um ar de mãe feliz quando, amorosa,
Carrega uma boneca alva como camelia
— Uma aurora embalando o somno de uma rosa . . .

Quando a boneca chora, a mãe, que se desvela,
Acalentando-a, canta uma canção tão bella
Que a gente cuida estar cantando um coração !

Com mãos de seda amima a filha impertinente
E dá-lhe de mammar, mostrando ingenuamente
As hostias de jasmims dos seios em botão . . .

+ +

GALATHÉA

Do bloco de Carrara, alvo e sem jaça, a arranco
A golpes de cinzel ! Eil-a de pé — a perna
Sustendo o torso grego, a mão no seio branco —
Como Venus pompeando a formosura eterna !

Em meus labios fulgura um claro riso franco !
Dei á estatua com o sangue a vida sempiterna,
E serpentinamente a cingem, flanco a flanco,
Floreas veias azues como uma sombra interna.

Na pupilla uma flamma, aurea e vivaz, palpita . . .
Presa a um raio de luz, a minh'alma gravita
Na divina attracção do marmore perfeito !

Extatico me ajoelho : e, subito, num choro,
A Galathéa acorda, e o amor, que lhe infla o peito,
Pelos olhos rebenta em catadupas de ouro !

A UM POETA

Na pompa de uma phrase engasta a imagem viva
Como num aranhol de vaporosa trama!
Invoca a inspiração! Em teu auxilio chama
Os deuses immortaes da Grecia primitiva!

Para a Julieta que te enleva e te captiva,
Colhe jasmins no campo azul que a aurora inflamma!
Que a rima, sacudindo as azas côr de chamma,
Cante como num ramo em flôr a patativa!

*campo azul
e azul*

Prende com fios d'oiro a idéa esquiva e ingrata!
Faze a estrophe vibrar como um clarim de prata
Ao fim de uma batalha a proclamar victoria!

Enche de sangue a veia orpheonica do verso
E de clarões boreaes o estylo nobre e terso,
— Que em breve alcançarás as purpuras da Gloria!

OUVINDO O TEU PIANO

De tecla em tecla o piano em flebeis notas vibra :
Em cada lento accorde uma saudade plange !
Meu coração de chofre estala fibra a fibra,
Como si recebesse o golpe de um alfange !

Em meu olhar, que todo um infinito abrange,
Uma gotta de pranto argentea se equilibra . . .
Chora o piano . . . E' o rumor que faz uma phalange
Angelical que vòa e em pleno azul se libra !

Nessa gamma feral de angustias e estertores,
Vejo Ophelia passar amortalhada em flôres
Na corrente que a embala, ondulando, ondulando . . .

Tu revelas assim dos mortos os segredos !
Pois sob a compressão dos teus jasmineos dedos
A alma de Palestrina estorce-se pranteando !

MANHÃ NA ROÇA

Como Venus pisando a espuma de onda em onda,
Deixa a Aurora a fofez do leito de sultana.
O arvoredado farfalha. Em pranto, aurea e redonda,
Se occulta a derradeira estrella ha pouco ufana.

Em grupos muge boi ao longo da savana;
Sóbe o fumo da choça; um melro os ares sonda.
No arroio, que por entre as arvores dimina,
Remam gansos, de leve, em silenciosa ronda.

As corujas feraes, em agouzeirasavas,
Debatem-se na luz em procura das trevas.
Do rebanho que bale ouve-se a voz morfanha.

E a Aurora, colorindo as nuvens ondulosas,
Desce, lenta, a sorrir, a encosta da montanha,
Com o estemima de chamma e a tunica de rosas...

MEIA NOITE

Penso . . . Na solidão da rua adormecida
Vasqueja dos lampeões o funerario lume.
De espaço a espaço, a lua assoma entre o negrume
Das nuvens — com a feição da branca Margarida.

No rendilhado templo, onde, em manhã florida,
Me embriagou de Phrynia o tepido perfume,
Pia uma estryge. O vento é um funebre queixume.
Ha um brusco ramalhar de frondes na avenida.

Nest'hora de pavor e duvidas sombrias,
De pactos infernaes, de assombros e magias,
Eu faço ao mudo céu sacrilegas perguntas !

Exacerba-me o sangue a dôr que não se acalma,
(E sinto desfilar pelo silencio da alma
O cortejo feral das illusões defuntas !

*Li em algum tempo
não posso dizer
falar . . .*

NATAL DE PHRYNIA

Um anno mais ! Um anno ! Um mimo de fulgores
Que recebes de seda e rendas entre os nastos !
Mais uma rosa aberta em um bouquet de flôres !
Mais uma estrella a rir numa corôa de astros !

Hoje que de casaca os teus adoradores
Se curvam aos teus pés da côr dos alabastros,
Permitte que eu tambem, em versos incolores,
Te saude, mas não — como os demais — de rastros.

Sou pobre, não possúo anneis de pedras raras,
Nem oiro, brocateis, mas, como tu me animas
Com os olhos claros, quiz beijar-te as mãos preclaras.

E com a alma a dançar numa alegria franca,
Trouxe para o teu collo este collar de rimas
E para o teu cabelo uma camelia branca !

FUGITIVA

Adeus! Já não és minha e me não amas! Nunca
Em tua alma floriu um sentimento nobre!
A dôr de te perder a propria voz me trunca,
Mas, vae! deixa que a nau sem bussola sossobre!

Meu coração, que o teu olhar de espinhos junca,
Se estorce e plange como um sino em triste dobre.
Do meu castello azul fizeste uma espelunca
De um asceta infeliz, de um miserando pobre!

Vae, andorinha!... Chega entre boreaes rajadas
* O inverno que faz voar os passaros dispersos,
E veste de neblina as loiras alvoradas.

Mas, embora de mim e do meu pranto mofes,
Has de sempre escutar o choro dos meus versos,
Ha de seguir-te sempre um sequito de estrophes!

Rem

Porque boreas?

NO DECLINIO

Quando o tempo fugaz, que passa como o vento,
Te engrinaldar de neve e te engelhar o rosto,
Has de volver o olhar, mais triste que um lamento,
Para o passado envolto em sombras de sol posto.

Como um lento viajor que do apice nevoento
De alto monte contempla o caminho transposto,
Ficarás a scismar. . . E nesse atroz momento
Ha de pungir-te o seio o aculeo de um desgosto !

Teu velho coração, desilludido e exausto,
Vendo o inutil fulgor das purpuras do fausto,
Ha de então palpitar numa afflicção suprema !

E talvez com pezar, num circulo de abrolhos,
Tu te lembres de mim, numa saudade extrema,
Com suspiros na bocca e lagrimas nos olhos !

CONFISSÃO

Já que não posso mais trazer occulto nalma
Este amor, que ha de ser a cruz do meu martyrio,
E que eu, tentando em vão mostrar firmeza e calma,
Revelo em cada olhar mais triste do que um cirio,

Perdôa, meu amor, perdôa ! Embora a palma
Não logre de alcançar a tua mão que é um lirio,
Hei de sempre abençoar teu riso que me ensalma !
Hei de sempre beijar-te a sombra com delirio !

Cobre-me a pallidez do mesto Nazareno
Quando, silencio impondo ao coração captivo,
Contemplo o teu perfil de castellã do Rheno !

Bem quizêra esconder o amor que me consome,
Mas como ? si a annuncial-o a todo instante eu vivo
Pelo tremor da voz ao murmurar teu nome !

Frases

HORAS NEGRAS

Noite. Na escuridão soturna do meu quarto,
Penso em ti, meu amor! Lá fóra, o furacão
Urra como um cyclope e açoita o cedro que, harto
E farfalhante, agita a copa na amplidão.

Sem illusões, da vida ha muitos annos farto,
Sinto que mais me pesa agora o coração!
Cheio de angustia, á porta a fronte quasi parto
Quando estoira no espaço a bomba de um trovão.

Contra a janella, em furia, investe a ventania
Bramindo como um leão nas vascas da agonia.
Raios batem-se em duello . . . Ouço lamentos . . . ais . . .

Que noite fria! . . . E eu só, chorando num delirio
Por esse corpo em flôr, mais branco do que um lírio,
Que não apertarei nos braços nunca mais!

CORAÇÃO DEFUNTO

Creanças virginaes de boccas perfumadas
Como os rosaes em flôr, como o coral das rosas,
Anjos de azas de arminho, humanas alvoradas
De voz de rouxinol e tranças ondulosas :

Não tenteis reviver as illusões doiradas
Do meu passado azul sepulto entre mimosas !
Dentro desta alma envolta em nevoas condensadas
Já nem um sonho agita as plumas luminosas !

+ — Porque vindes cantar deste sepulchro ás bordas
Onde só vêm pousar nocturnas borboletas ?
Quem logrará tanger um bandolim sem cordas ?

+ — Debalde me volveis dulcissimos olhares !
Pois neste coração, onde esfolhaes violetas,
Reina o inverno glacial das solidões polares !

Aqui sim : logrará
tanger.

Olhares não se voltam, voltam-se os olhos.

LAR DE LUCTO

Era um ninho e tornou-se um tumulto esta casa
Desde o dia em que a meiga irmã das açucenas,
Fazendo ouvir em torno um leve ruflo de aza,
Emmudeceu, cruzando ao peito as mãos pequenas !

Embebido no Azul o olhar, que a angustia abraza,
A mãe, a pobre mãe, martyr de eternas penas,
Dores, que crystallisa em lagrimas, transvasa . . .
Cortam-me o coração estas cruciantes scenas !

Desde que a aurora abria o frouxo cortinado
Do Oriente, ella trazia o lar illuminado
Pelo raio de sol do riso astral que tinha !

Dos lirios que plantou teceram-lhe a capella . . .
Nunca mais ha de vir colher jasmins aquella
Que se foi para o Céu num vôo de andorinha !

*Em meo
screverem*

*Amor hula
meninas*

VISÕES

A's meninas que amei

O' vós que na manhã de minha mocidade
Reduzistes a pó as minhas esperanças,
Porque vindes por entre as nevoas da saudade
Derramar em minh'alma o perfume das tranças?

O' flôres que trazeis o olor da virgindade
E risos matinaes em boccas de creanças,
Deixae-me, emfim, em paz na minha soledade
Apascentando o meu rebanho de lembranças!...

Mas si agora vos punge a dôr do louco amante
Que via em vosso olhar a estrellá do Levante
E ouvia uma canção em vossa ebriante voz:

Quando em breve eu fechar os olhos entre cirios,
Pagae-me em bogaris, chrysanthemos e lirios,
As santas illusões que desfolhei por vós!

OS TRIUMPHADORES

ALEXANDRE

I

Num sonho excelso, com o olhar o mundo abarcas:
E partes, num tropel de atletas e gigantes,
Azia a fóra, quebrando o sceptro dos monarchas
E brechando brutaes muralhas de elephantes!

Ficam por todo o Oriente as indeleveis marcas
Das patas dos corceis. As phalanges brilhantes,
Que Marte impelle e Zeus protege, ameamham arcas
De ouro e prata e montões de pedras coruscantes.

Offerecem-te o amor as princezas mais bellas!
Perfumam-te os jardins da rica Babylonia!
Comes pavões dá Media em rutilas baixellas!

De satrapas e reis quebras o jugo fero...
Para os feitos cantar-te, aguia da Macedonia,
Só tem cordas a theorba olympica de Homero!

ANNIBAL

II

Em Sagunto recebe a agua lustral da gloria :
E, caminho da Italia, o genio de Carthago,
Entre avalanches, presto, os Alpes vinga, o estrago
Espalhando atravez da longa trajectory.

Carregado de anneis e pompas de victoria,
De buccinas marciaes num estridor presago,
Lá vae ! Por onde passa um borbilhante lago
De sangue deixa, abrindo um sulco astral na Historia !

Firme, o Carthaginez, ariete dos arietes,
Passeia entre um fulgor de escameos capacetes,
De armaduras de bronze e lanças rutilantes . . .

Consules e legiões de assombro semimortas
Triumphantemente leva até de Roma ás portas,
A patas de corceis e trombas de elephantes !

Porque?
*Não é verdade. Ele
e não pôde chegar
até Roma.*

CESAR

III

Por sobre as Gallias solta as aguias bellicosas,
Transpõe o Rheno e invade a inhospita Bretanha...
Murallas não detém suas legiões gloriosas
Que pisam nobremente orgulhos de montanha!

Podem settas zunir! Póde raivar a sanha
Dos barbaros sem conta! As hostes victoriosas,
No sinistro fragor da pertinaz campanha,
Colhem para coroa-o immarcesciveis rosas!

Estremece o inimigo assim que lhe ouve o passo;
No torvelim da lucta a sua espada brilha
Furando corações de heróes de peitos de aço.

Por degraus de laureis sóbe ao sonhado solio,
E Roma, que o seu vulto enche de maravilha,
Eleva o triumphador de Munda ao Capitolio!

alças detém

monts de

BONAPARTE

IV

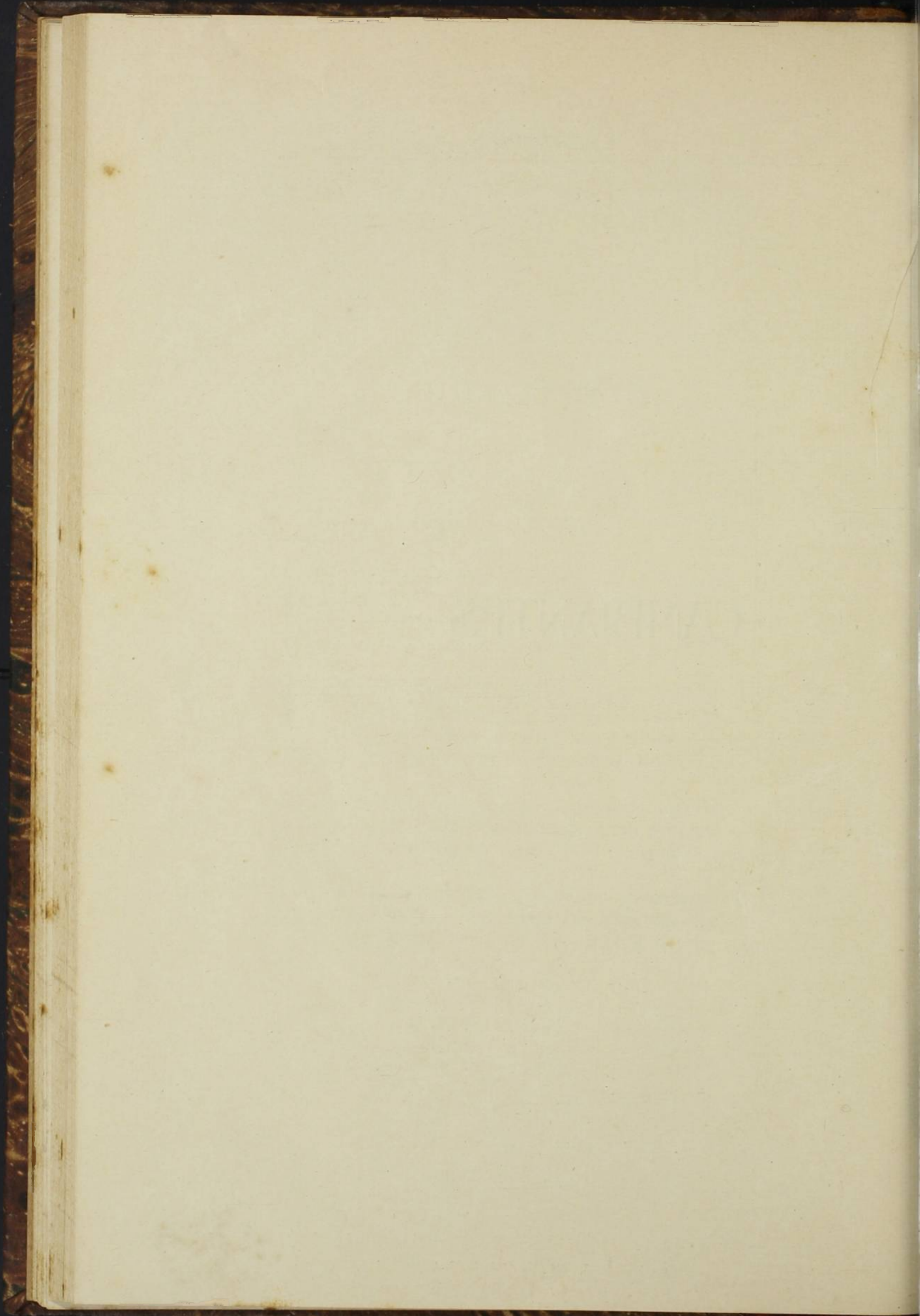
Entre o crebro estridor das musicas de guerra,
Como um raio, percorre os campos de batalha,
E, terror das nações, abala toda a Terra
Com urros de canhão e estrondos de metralha.

Quando, de gladio em punho, o Corso passa, aterra,
E ao clamor dos clarins o panico se espalha!
Da Hollanda á Russia, entre ais, choros e pragas, erra.
Dando aos corvos festins de opípara mortualha.

Desde as trez colossaes pyramides do Egypto
— Arcas de tradições, assombros de granito, —
Veiu aos seus pés curvando o alto orgulho realengo.

Vienna, Berlim, Moscou guardam vivaz memoria
Do semideus que tem, para perpetua gloria,
Os trophéos de Wagram e os louros de Marengo...

CAMBIANTES



A UM CONQUISTADOR

O' coração de bronze, ó coração de hyena,
Irmão de Attila e Nero — o barbaro e o incendiario —
Que transformaes a Terra em uma vasta arena
Com o pulso de um cyclope e a furia de um corsario,
Deixae florir a Paz, que Deus assim o ordena!
Basta de horrores, basta, abutre sanguinario!

*Em brio
a toques de
clarins??*

E' horrivel este quadro: — Um campo de batalha.
A toques de clarins trôa a fuzilaria
Seguida do clamor sinistro da metralha
Que dizima esquadrões, até que a noite fria,
Vendo morrer titans que não terão mortalha,
Para cobril-os, abre a tunica sombria!

Partem numa esfuziada as ponteagudas balas
Furando corações, rompendo carnes quentes;
Refulgem lanças mais brilhantes do que opalas
No insano marulhar das coleras frementes,
E, bebadas de sangue, as bem dispostas alas
Envolvem o inimigo em roscas de serpentes.

Emquanto parte um craneo o gladio de um Mavorte,
Fulminea bala ultriz vára um pulmão. O embate
E' cada vez mais fero, é cada vez mais forte.
Lembra o circo de Roma a arena do combate!
E, convivas brutaes da bacchanal da Morte,
Com tigrino furor cada legião se bate!

Vêm-se atletas no pó, nos ultimos arrancos,
 Procurando vibrar o golpe derradeiro.
 O canhão, que ribomba e roda aos solavancos,
 Dos estilhaços cospe o fulvido chuveiro,
 E, bolhando, a manar dos seios e dos flancos
 Dos soldados, o sangue ensopa o campo inteiro.

Nitrem caracolando indomitos cavallos
 As patas atolando em poças purpurinas;
 Outros com furia tal que já não ha domal-os,
 Exhalando um vapor candente das narinas,
 Vôam como dragões saltando fojos, vallos,
 Levando erguidas como uma bandeira as crinas!

O morteiro escancara a guela flammejante
 E — num crebro estrugir de bronzeas gargalhadas
 Capazes de aterrar homerico gigante, —
 Clangora vomitando as bombas inflammadas,
 E, — como um bafo ruivo, — o fumo espiralante,
 Resfolegando, expelle em nuvens condensadas.

Lusbelico sabbat! Dantesco pandemonio!
 A polvora explodindo espalha nuvens pretas.
 Passeia a Morte a rir de braços com o Demonio...
 E entre as scintillações das brancas bayonetas
 Estridulam febris, num jubilo gorgoneo,
 Tambores e clarins, fanfarras e trombetas!

Dos braços vôam mãos como bizarras flôres
 Arrancadas do hastil. Corceis pisam entranhas
 De moribundos já cobertos de livores,
 De heróes a estertorar em convulsões extranhas!
 A orchestra funeral de armisonos clangores
 Faz tremer de pavor as aguias das montanhas!

Finda a batalha. Em ronda, os execraveis corvos
 Descem a desolhar mortos e agonisantes
 Que se estorcem no horror dos desesperos torvos,
 Com as hirtas mãos cobrindo os lividos semblantes,
 — Enquanto vós, falcão, sem peias, sem estorvos,
 Rejubilaes envolto em purpuras brilhantes!

*As estilha-
 ções do canhão
 absolutamente
 não são fulvos*

*não sabemos
 como o cavalo
 expelle vapor
 ruivos*

*Ruivo está
 entre vermes
 e amarelos
 não sei qual
 deles é o
 bafo ruivo.*

Mto bom

As vossas mãos crueis, as vossas mãos ferinas
São garras de Satan! A vossa trajectory
E' assignalada por devastações e ruinas.
Vêde: gottejam sangue os louros da victoria!
As almas côr da aurora, as almas crystallinas
Desmaiam ao clarão fatal da vossa gloria!

*almas de todos
no cores & l.*

No lar, que era um jardim de alegrias doiradas,
Cheio de colibris e borboletas mansas,
Onde o amor arrulhava idyllicas balladas
E eram cravos a rir as boccas das creanças,
— Fizestes penetrar a Morte ás gargalhadas
Por entre um refulgir de espadas e de lanças!

Contêmplae um momento as virgens lacrimosas
Que no auge do pezar que o seio lhes apúa
Levantam para o céu as fronte angustiosas,
Emquanto o coração crucificado estúa!
Nessas faces de neve onde floriam rosas
Se estende a pallidez ophelica da lua!

*este aqui é homem
muito esquecido
muito*

Como contrista ver as candidas meninas
Sem o amparo, o broquel dos paternaes desvelos,
Expostas da luxuria ás garras libertinas!
Miserrimas! Só têm, embora caiam gelos,
Para a nudez velar das fôrmas peregrinas
A nuvem aromal e fofa dos cabellos!...

Sobre essa fronte o olhar do Creador dardeja
Um duro raio hostile de um brilho funereo.
Nada poupa esse gladio argenteo que lampeja:
Nem a cruz em que soffre o Martyr do Calvario!
Erguei os olhos, vêde: O sol, que relampeja,
E' um coração que sangra envolto num sudario!

Rui Fro Juss

Searas, jardins em flôr de aroma rescendente,
Templos de Buddha e Christo e de Mafoma e Brahma,
Pompas esculpturaes de marmore luzente,
Joias de arte que a luz, que é um beijo de astro, inflamma,
— Tudo, tudo destruis inexoravelmente
A tiros de canhão, a vomitos de chamma!

X X

SER CONDOR

Ser condor ! espalmar as azas rumorosas
 Nas manhãs de crystal, em pleno azul da esphera,
 Para onde ascende solto o espirito das rosas
 Que abre com as roseas mãos a rosea primavera ;

*O rubim deu
 ser condor (*
todo o
sol, e
o sol ao
brim

Viajar da aurora á noite, errar de monte em monte,
 Num vôo de dragão, cheio de heroicidade,
 Saudar primeiro o sol que assoma no horizonte
 Como um rubim jorrando intensa claridade ;

Perlustrar, divagando, as mais remotas zonas
 Da Atlantida, passeando o olhar por cousas grandes ;
 Pela manhã lavar as plumas no Amazonas
 E á tarde adormecer no pincaro dos Andes ;

Subir ! subir ! subir ! A cupula celeste
 Quasi roçando, ver o sideral thesoiro,
 E trazer a plumosa e estrepitante veste
 Cheia de ascuas de sol e de scentelhas d'oiro ;

As azas colossaes de riço espannejando
 Sobre o vermelho mar dos campos de batalha,
 Ver rolar esquadrões no embate formidando
 Entre uivos de clarins e roncões de metralha;

A. aguiar m
no plantar
para fazer
antilhas

Ouvir o crocitar phrenetico do vento
Sem medo, sem temor, sem sustos, sem desmaios,
E entre alas de bulções cruzar o firmamento
Rechassando no surto um batalhão de raios;

Zombar dos vendavaes e do trovão que aterra
— Raucisono tambor que crebramente rufa —
E, as garras encrespando, um cantico de guerra
Lançar ao furacão que torvelinha e bufa;

Muito acima pairar dos pantanos do Vicio,
Dos horizontes sempre achando as portas francas,
E sonhar no cairel de um cavo precipicio
Nos macios frouxeis das fofas nuvens brancas;

Viver longe do horror das coleras humanas
Torvas como o grasnar famelico dos corvos:
Só, ás vezes, pousar no colmo das choupanas
Onde não rugem nunca os dêsesperos torvos;

Amar o colibri por ser mimoso e bello,
O lirio — por ser casto, a pomba — por ser mansa;
Ter garras para as mãos que vibram o cutello
E bico afiado como a ponta de uma lança;

Escorraçar a estryge e os mochos agoureiros
Que andam a gargalhar na cruz das sepulturas
Onde se abrem, sangrando em flôres, nos canteiros,
Os rubros corações das lacteas virgens puras;

Como um audaz titan, ancioso de conquistas,
Azas abertas, fronte erguida, olhar chispante,
Vingar do Chimborazo as arrogantes cristas,
Na gloria ascencional de um vôo espiralante;

Por cima de maineis, hortos, rechãs e pampas,
Planuras e vergeis, leguas de molle alfombra,
Florestas de torreões e corucheus e campas,
Atravessar deixando apenas uma sombra;

xx — Em busca de outro clima, em busca de outros ares,
Num fragor de tufão, vertiginosamente
Arrojar-me atravez do torvelim dos mares
Que ameaçam devorar, urrando, o Continente :

Eis a excelsa illusão que o cerebro me inflamma,
Os icarios ideaes que ha muito me consomem !...
Quem me déra azas ter para fugir da lama
A que me trazem preso estas algemas de homem !

A JESUS

O' casto Liz da Galliléa ! quando,
Sob o peso da cruz do teu fadario,
Ferindo os pés, gemendo e soluçando,
Tropeçavas na encosta do Calvario,

O Homem cruel, o monstro sanguinario,
Tripudiava em teu pranto, gargalhando !
E tu julgavas — pobre visionario ! —
Que a alvorada do Amor vinha raiando !

Em vão luctaste com o dragão do Vicio
E consummaste o heroico Sacrificio !
Que conseguiste com teu sangue, Mestre ?

E' sempre a mesma a turba odiosa e futil
Que te insultou na penedia alpestre
E te manchou a tunica inconsutil !

A' DOR

Cacophonia (O' Dor, ó velha imperatriz do mundo,
Que a gente arrasta como bronzea carga,
Maldita sejas ! Teu olhar profundo
E' o pesadelo desta vida amarga !

Foge de mim, phantasma tremebundo !
Arranca-me este espiculo dailharga !
O rosto em vão de lagrimas inundo :
A tua mão de espinhos não me larga !

Cacophonia (Por castellos, choupanas e casebres,
Bebendo sangue e produzindo febres,
Passas deixando o rastro nauseabundo.

Cacophonia Os corações te amaldiçoam . . . Quando
Ha de ter fim o teu reinado infando,
O' Dor, ó velha imperatriz do mundo ?

A UM AVARENTO

Enxotas do portal o esqualido mendigo
Que pelo amor de Deus te pede caridade!
Nunca vestiste um nú e nunca deste abrigo
A' viuvez sem amparo e á misera orphandade!

Guarda o teu ouro, os teus milhões ensanguentados!
Quando a morte cruzar as tuas mãos inermes,
Tu, que sempre negaste um pão aos desgraçados,
Irás saciar a gula a cem legiões de vermes!

TUYUTY

Rompe a batalha, Estridulas trombetas,
Crebros clarins, fanfarras e tambores,
Numa orchestra de rabidos clamores,
Clangoram entre as fumeas nuvens pretas.

Coruscam lampejantes bayonetas,
Trôa a metralha em bellicos furores,
E, como um bando de triumphaes condores,
Pendões esvoaçam . . . Rangem as carretas.

Com a furia do pampeiro, o formidando
Osorio, envolto num clarão, soltando
O impavido corcel, da morte em face,

Passa brandindo o gladio de gigante,
Como si fosse um genio que passasse
Montado num cometa flammejante !

A TEMPESTADE

Conglomeradas no alto, a combinar o instante
Em que á terra darão o ataque, as nuvens pretas
Caminham pelo espaço em marcha balouçante,
Como um bando invasor que avança triumphante
Entre rolos de pó e toques de cornetas.

Brame longinquamente a voz estertorosa
Do trovão assustando a Natureza em calma.
O colibri supplica um agasalho á rosa
Que o aninha, entrefechando as petalas, piedosa,
No casto seio como um sonho dentro da alma.

Relampagos febris de flammea cauda, ariscos,
Dão punhaladas d'oiro... Em subitos desmaios,
Num fulvido painel de traços e de riscos,
Cobrejam pelo céu enxames de coriscos,
E estoirazes bulções vomitam fulvos raios...

Tamborilando, grosso, o temporal desaba,
Vergastando de rijo os visos da montanha;
O coqueiral sacode as palmas verdes na aba
Do monte, onde, á feição de um craneo, a terra acaba,
E onde o inverno desdobra a neblinal bretanha.

*Alas de Trovão
de cornetas*

para phantasia

Incomprehenível

*? Que pavor
diz isto? Si
é desmaio, não
é fulvo*

*Não entendo
a fim nem este
"a feição de um craneo"*

E o furacão ribomba. As folhas do arvoredor
Despencam-se bailando em vôo trepidante.
Os pombos nos casaes escondem-se com medo,
E ajoelham-se a rezar as flôres em segredo
Pelo espirito azul de um melro agonizante!

A floresta se estorce em convulsões de morte
Num macabro clamor de monstros enjaulados;
E os ventos que a bufar, com pulso herculeo e forte,
Espancam dos chorões a lurida cohorte,
— São malhas de satans malhando condemnados...

A fonte musical do pincaro da serra,
Que trazia no seio um rouxinol cantando,
Borbulha, e ferve, e espuma, e corcoveia, e berra,
Impellindo os calhaus que do alveo desenterra
Com a furia de um corcel que foge relinchando.

Abrindo socavões, cavando algares, rugem,
Como rios de sangue, as crespas enxurradas;
Tomados de pavor, os bois no campo mugem
Quando os roucos trovões raucisonos estrugem
Num clangor de canhão varrendo barricadas!

As choças e os palhaes, no embate fragoroso,
Tombam entre um clamor de almas de magua cheias.
Os pinheiros senis de aspecto doloroso,
Erguendo espectralmente o galhame nodoso,
Semelham colossaes espinhas de baleias...

Das enseadas deixando o bonançoso leito,
Onde a idéa tenaz de liberdade incuba,
O grande Mar, que embala as velhas naus no peito,
Com urros de montanha, em macaréos desfeito,
Leoninamente erriça a espumarenta juba!

Rilhando farelhões e solapando fragas,
Busca tomar de assalto os condoreiros montes :
E, uivando maldições, vociferando pragas,
Transpõe a praia e leva o assombro em suas vagas,
Num dantesco tropel de ruivos mastodontes !

Blindados Leviathans que arfam com as bronzas cargas
E sulcam bamboleando as vastidões supremas ;
Couraçados — dragões de azas triumphaes e largas, —
Tudo — o Mar, vomitando electricas descargas,
Estrinca em suas mãos como um collar de gemmas !

Destroços de galeões — maruja, velas, mastros —
Tudo no saque pilha a neptuniana tropa.
Tanto estrondo o tufão faz a correr de rastros
Como si Deus com o pé brilhante como os astros
De encontro ao Novo Mundo arremessasse a Europa !...

E eu, ouvindo o estridor do vendaval, que estala,
Fico, triste, a pensar nas frageis borboletas !
E minh'alma infeliz, que foi de Buddha, exhala
Um ai de compaixão dos lirios côr de opala
Que se desfolham como as illusões dos poetas !...

Martinho

Como?

*O pé de Deus
é brilhante*

Infeliz

*On de lirios cor
de opala,*

CASA PATERNA

Da velha casa em que a manhã da vida
Passei — conservo uma lembrança exacta :
Antes de eu vir ao mundo foi erguida
Perto da serra, quasi ao pé da matta.

Dá para o sul a frente ennegrecida;
Ao lado, para um poente de escarlata,
Janellas donde, na estação florida,
Se aspira o cheiro dos jasmins de prata.

Perto, o bambual em cujo seio amigo
Cantam graúnas, e o pomar antigo
Com melros, tiés e gorundys em bando.

O ribeirão, o cafesal, a horta...
Ah ! que saudade o coração me corta
Do lar querido que deixei chorando !

DE VOLTA

Eis-me de novo no abençoado abrigo
Do sitio umbroso onde brinquei na infancia!
As flôres, desatando-se em fragrancia,
Me cumprimentam com seu gesto amigo.

Borboletas e passaros com ancia,
Com a alegria do bom tempo antigo,
Pousam-me no hombro enquanto, a rir, bendigo
Esta esquecida, remansosa estancia!

Tudo, ao me ver, de jubilo palpita!
Parece até que a abobada infinita
Accendeu as estrellas mais preciosas!

As moutas offerecem-me os regaços...
Como vos amo, ó arvores saudosas
Que me embalastes muita vez nos braços!

sempre o mesmo

de phantasia

*eu escreveria «ao me-
me», que é incluído e
a posição natural.*

*Contradição com
o soneto antecedente*

Estrellas de se

acendem o noite a

*os poezos do pto de
dando de d'c.*

NA ROÇA

Aqui, após uma batalha rude
Em que fiquei desilludido e exausto,
Recobro a minha morta juventude
E os sonhos d'oiro, como o Doutor Fausto.

*Agora não se
bebe, respira-se.*

Deixei do Tédio o lobrego ataude,
E, jubiloso, bebo, de hausto em hausto,
O olor das rosas. Volta-me a saude
E me seduz da primavera o fausto.

Cedo abandono o tepido agasalho
Do leito e, exposto ao matutino orvalho,
Assisto ao espectáculo da aurora.

formoso

Que doce paz ! Que vida rosea a minha
Nestas paragens, que Setembro enflora,
Donde nunca emigrou uma andorinha !

A AGONIA DA ARVORE

Vae-se uma folha e exhalas um lamento...
Extranhas cousas no sussurro dizes!
Desde que começou teu soffrimento
Fogem de ti os passaros felizes!

Tu que luctavas com o tufão violento
Empedrada nas solidas raizes,
Agora pendes, quasi morta, ao vento,
Toda cheia de roxas cicatrizes...

Não te lastimes, arvore sem flôres,
Erguendo ao céu, em vez da fronde linda,
Os braços nos extremos estertores!

Já não tens sombra para os namorados,
Mas os teus galhos servirão ainda
Para aquecer no inverno os desgraçados!

*comprehen-
do bem como
possam os galhos
aquecerem, mas
transformados
em fogo*

NO CAMPO

Vê, meu amor! Da aurora á luz vermelha
 Chispam milhões de perolas no campo.
 Aqui, alli, um tardo pyrilampo
 Apaga a dubia e pallida scēntelha.

Os pintasilgos olham-me de esguelha
 Quando em teu rosto um longo beijo estampo.
 Rebrilha o céu radiosamente escampo
 Que azuleo espelho concavo semelha.

X Desponta o sol. Uma avalanche d'oiro
 Flammeja. Zumbe aligero besoiro
 E ondula a relva que premindo vamos.

Corre extranho rumor de rosa em rosa:
 Pois quando passa uma mulher formosa
 As proprias flôres curvam-se nos ramos!

*Admirando n.
 via*

*aqueles não
 existe*

*nos me parece
 bispo
 vivo de jure
 alvoroço*

NO VALLE

Como isto é bello! Numa tremulina,
De queda em queda, o murmuro riacho,
Que ergue de espuma um tremulo pennacho,
Beija a fimbria da saia da collina.

*Repetição des
vulgar*

Farautas e anhos pascem na ravina;
Resôa a avena de um zagal debaixo
De uma palmeira que debulha o cacho
E abre o feixe de palmas, que se inclina.

A graça errante de uma borboleta _____ X
Entre silvas marinha, inquieta, inquieta, _____ X
Sem se ferir na ponta dos espinhos.

As arvores são harpas harmoniosas...
Emquanto vão desabrochando as rosas,
Ouve-se a orchestra matinal dos ninhos!

*A' força de querer usar de tempo
pouco empregado, chega as vezes
a se expressar mal. Farautas, por
ex., não quer dizer somente ovelha,
mas ovelha velha.*

NA VARZEA

Só, num enlevo, entre as aragens mansas,
Da vida esqueço o fellico amargume,
Sob um ipé, que, sacudindo as franças,
Me festeja com bençams de perfume.

Perto, um passaro extranho, arcoirizado,
Preludiando amorosas cantilenas,
Pompeia como um principe encantado
A riqueza chromatica das pennas.

Sob uma umbrosa cupula de folhas,
Alta como uma abobada de igreja,
Entre floccosas florações de bolhas,
Flue opalea corrente que espumeja;

E abaixo, entre lisins, cascavelando,
Enruga a prata no ebano da rocha,
Depois num salto arroja-se, bufando,
E em corymbos de espumas desabrocha.

De prompto um subitaneo reboliço
Faz ondular a relva que se dobra,
E, pondo em fuga um melro assustadiço,
Surde, colleando, uma erradia cobra.

E' uma cobra coral de linda escama
Precintada de purpura e de treva;
Ao ver seus olhos — dous rubins em chamma —
Das borboletas v^{oa} esparsa a leva.

Primeira
boa
De um arrosal maduro o oceano loiro,
Que o vento agita e o sol a pino escalda,
Em harmoniosas ondulancias d'oiro,
Vae-se quebrar num dique de esmeralda ... +

vai quebrar-se
Bem
Os colibris de plumulas cambiantes
— Solto collar de pedras preciosas, —
De surto em surto, em pares doudejantes,
Andam com o bico ensanguentando as rosas ...

Pelas copas em flôr, entre perfumes
De manacás, em variações bizarras,
Abafando das pombas os queixumes,
Tocam flautins estridulas cigarras.

Com seus resmungos barbaros me assustam
Besoiros de bronzeados capacetes,
E por capões de matto embarafustam,
Levando á frente os dous hostis floretes.

O sol com os fulvos raios colorantes
Pincela a tez sem macula das flôres,
Numa gamma de cores deslumbrantes,
Que humilha a phantasia dos pintores.

Eco
A orquestração dos passaros me anima
E insuffla um sangue novo em minhas veias,
(E componho a cantar, de rima em rima,
Poemas e poemas de encantar sereias !

Dentro de um sonho o coração se aquieta,
Sinto-me bem, sem tédio, sem fadiga,
E murmuro num extasis de poeta :
— «Bem dita sejas, Natureza amiga !»

A TORRENTE

Da serra azul, onde a palmeira medra,
Onde paira a neblina, se deriva,
Entre abertos lisins de esconsa pedra,
Um fio de agua viva . . .

A. OLIVEIRA

No pinaculo do monte
Onde a tempestade rincha,
Brota escassa e tenue fonte
De saxeia frincha.

*Pinaculo
proprio*

Rompe do adyto da penha
Por furo aberto a capricho,
E, subito, se despenha
Em um esguicho.

Salta e foge num arrulo
Num chão onde a relva medra,
E, desce, de pulo em pulo,
De pedra em pedra.

Serpeja entre as mobeis pendulas
Dos intrincados cipós,
E passa entre as filipendulas
Dextra e veloz.

Entre calhaus, palpitando,
Susta a carreira, escorrega,
E vae tacteando . . . tacteando . . .
 Como uma cega !

Logo após a argentea fita,
Encosta abaixo, desdobra,
E, rebolando, se agita
 Como uma cobra.

Pelos tunneis de verdura
Tirita de luz á mingua,
E sae da garganta escura
 Como uma lingua . . .

Um periquito da serra,
Quando mais flammeja o sol,
Na corrente o bico enterra
 Como um anzol.

Bebe adeante um tico-tico ;
No ponto em que mais borbulha
O beija-flôr crava o bico
 Como uma agulha.

E a equorea serpe, que vaga
Pela ravina, de rojo,
Suspira de fraga em fraga,
 De fojo em fojo.

Chega ao cimo de uma rocha
Por entre palmas de avenca :
Salta, em lirios desabrocha
 E se despenca . . .

Arrebanha affluentes niveos
— Mansas cobras de luar
Que encontra pelos declivios
 A tiritar,

Engrossa tanto na viagem
Que a agua de um salto não vingo :
Fôra a que bebe a folhagem
De pingo em pingo.

Serios perigos arrosta
Como um heróe frio e calmo,
E conquista a longa encosta
De palmo em palmo.

Ao valle chega. Que festa !
Toda se arrufa de gloria !
Foi a viagem na floresta
Uma victoria !

Detem-se ao pé de uma choça,
E, cheia de um santo amor,
Offerta uma grande poça
Ao morador.

No seio hyalino, claro,
Esconde uma alma de Buddha :
Até a flôr sem amparo
A erguer-se ajuda.

Posto que a turvem bastante,
Não leva sombras de magua.
Jamais negou ao viandante
Um copo de agua !

Na marcha morosa e tarda
Pisam-lhe o dorso espelhento
Os bois : inda assim, não guarda
Resentimento.

Salva em galeras de folhas
Tribus de insectos ruins,
E, alegre, floresce em bolhas
Que são jasmins !

Entra num campo : congraça
As borboletas de cores
Diversas e, anciosa, passa
Colhendo flôres.

Aqui, alli, uma rosa,
Que em perfumes se desmancha,
Brinca nas ondas, gloriosa
Como uma lancha !

Um sinceiro de alta copa
A frouxa cauda de sombra
Em suas aguas ensopa,
Rente a uma alfombra.

Nas ondulas encrespadas,
Da pedraria entre os vãos,
As arvores debruçadas
Lavam as mãos . . .

Ora reflecte a esmeralda
De um tuim, ora um galho arreda,
E o espumeo pendão desfralda
De queda em queda.

Dança um pouco, e estuga o passo,
De neve as margens salpica,
E lança-se, espaço a espaço,
De bica em bica.

Quando o alveo se torna estreito,
Solapa e alue os barrancos,
E espreguiça-se no leito
De seixos brancos . . .

E toma alento, descansa
Um só minuto, porém :
Pois cae num pendor, e avança
De novo, além !

E sem tino, atropellada,
Ladeira abaixo, tropeça,
E em desalinho, arrepiada,
Se ergue depressa.

Vista de longe, parece
Toda vestida de plumas :
Pois, cheia de flóccos, desce
Suando espumas !

Galopa, agitando ao vento
A undante crina de opala.
A's vezes, no chão pedrento,
Os pés entala . . .

Corre, corre, sem descanso,
Riçada, tremula, audaz,
Até que, enfim, num remanso
Encontra paz.

Num tanque em circulo, enorme,
De face de porcellana,
Deita-se, aninha-se e dorme
Uma semana.

Meninas brancas e núas,
De pernas jaspeas, redondas,
Se banham, sorrindo, em suas
Macias ondas.

Um ganso, que se retrata
No placido ancoradouro,
Quebra-lhe o espelho de prata
Com os remos d'oiro . . .

Mas, findo o somno, fremindo,
De novo põe-se a viajar
De passo em passo, seguindo
Rumo do mar . . .

EM STAMBUL

Para livrar minh'alma da manopla
Do Tédio, que a opprimia a todo o instante,
Cortei, num brigue, mares de sinopla,
Tangendo a lyra como um bardo errante.

Nas longas ruas de Constantinopla,
Onde resôa a guzla suspirante,
Cantei ás musulmanas doce copla,
E andei de cimitarra e de turbante.

Amei as mais formosas byzantinas
Que, levantando o frouxo véo brumoso,
Abaixavam as palpebras divinas.

Venci os odios que o estrangeiro acirra,
E vim deixando um rastro perfumoso
De nardo e aloes, de sandalo e de myrrha...

VISITA NOCTURNA

Em sonho ás vezes volto ao lar. Ancioso,
Entro na sala e beijo a mão querida
De minha Mãe, que, alegre e commovida,
Me abençôa num gesto carinhoso.

Ouço-lhe a voz saudosa e enternecida
De um tom maternalmente melodioso!
Minh'alma sente inenarravel goso
Ness' hora que é a melhor de minha vida !

Vejo depois, com intima alegria,
Minha irmã no jardim colhendo flôres
Para enfeitar a imagem de Maria.

Percorro ôs sitios que eu amei — com ancia,
E ainda aspiro os mysticos olores
Dos jasmineiros que plantei na infancia !

BALLADILHA

Soa mal
A egregia diva por quem ando
A suspirar com amargor
E' um ser olympico, adorando,
Que tem da neve andina a côr
— Rosa que vem desabrochando
Virginalmente alva e taful,
Sob o esplendor de Abril sonhando
Com as pompas de uma aurora azul.

Quando ella exhala, palpitando,
O aroma — philtro embriagador —
Eu, de hausto em hausto, o bebo, arfando,
Como um dulcissimo licor.
Amo-a demais! E não sei quando
Essa princeza de Stambul,
A cujos pés vivo chorando,
Me volverá o olhar azul!

Quando se occulta o sol chispendo,
Encontro, pallido de amor,
A Flôr do Bosphoro scismando,
Na mão o rosto seductor;
E assim, de branco, meditando,
A musulmana estrella exul
Recorda um cysne repousando
Immoto á flôr de um lago azul...

Humilde curvo-me ao seu mando
Como um arbusto ao vento sul:
No emtanto, ao ver-me soluçando,
Apenas move o leque azul!

*Neve andina ou
de Andes, tem a
mesma cor das
outras neves*

*repete aqui
a ideia de amor*

*o aroma
não se bebe*



Monoton

SONHO MORTO

Ecco

O sonho azul que eu vinha acalentando
— Uma preciosa dadiva divina —
Foi dia a dia as petalas cerrando
Como um heliantho quando o sol declina...

Adeus, ó lirio de um perfume brando
E tez nivosamente alabastrina,
Que, o meu torvo pezar balsamizando,
Me sorrias na estrella vespertina!

Doce illusão crescida na minh'alma!
Nunca mais tu virás, por noite calma,
Beijar-me o rosto, placida e radiante!

E hei de chegar ao meu sombrio outomno
Sem ter um anjo que no extremo instante
Me feche os olhos para o eterno somno!

HORAS MORTAS

Doze pancadas o relógio bate
— Um rosário de contas de lamentos ! —
Depois silencio. Estão dormindo os ventos
Como titans cansados do combate.

Sob o livor da lampada, que abate
A dubia chamma, tenho pensamentos
Sinistros como os corvos agourentos.
No peito a dor enterra-me o acicate !

Debalde tento conciliar o somno
Para attenuar o horror deste abandono
Em que succumbo num montão de espinhos !

Abro a janella. Inda tão longe a aurora !
Tudo repousa.. Apenas, valle a fóra,
Cantam as fontes embalando os ninhos...

NOITE DE AMOR

Quando me deste, pallida, offegando,
O teu primeiro beijo ao fim do dia,
No occaso, envolta em purpuras, nascia
Vesper, doirada e limpida, radiando.

Cada vez que o meu beijo, fuzilando,
Illuminava a camara sombria,
Teu corpo lacteo e açucenal tremia
Como um lirio que vem desabrochando...

Na tua bocca de coral zumbia
Dos meus desejos o sequioso bando,
E o teu collo a violetas rescendia !

Quando me deste, pallida, offegando,
O ultimo beijo a palpitar, — morria
A estrella d'Alva, tremula, chorando !

NOITE DE INVERNO

Que frio !... E eu só !... Oh ! noite de amargura !
Lá fóra plange com angustia o vento
Desgrenhando o arvoredó, que murmura,
De mãos alçadas para o firmamento.

Meu leito é uma gelada sepultura,
O lençol — um sudário... Embalde tento
Dormir: o frio cresce e me tortura !...
A minh'alma tiritá... Que tormento !

Ah ! si ella, cheia de ternura e zelo,
De amor vencida, viesse neste instante
Envolver-me no manto do cabello !...

Loucura minha ! A um sonho em vão me aferro !
Não mais terei o seu perfume ebriante
Neste nocturno carcere de ferro !

Lamentações

Lamentações

TANTALO.

Sobre uma pagina de Coelho Neto (*)

Plenilunio. As estrellas buliçosas
Scintillam docemente, docemente . . .
Entre perfumes de esfolhadas rosas,
A bacchanal estruge em febre ardente.

Ancillas gregas, moças da Sicilia
Tangem harpas e cytharas doiradas,
Sonorisando a orgiatica vigilia
Com notas suavemente avelludadas.

Ephebos cantam, famulos vozeiam
Em derredor da turma de convivas,
E, na celeuma lubrica, pompeiam
A robustez das raças primitivas.

As hetaïras doudas, titubeantes,
Erguem rythons de bronze de Coryntho,
Entre confusos gritos luxuriantes
Molhando os seios nús de vinho tinto.

Negros enormes da Numidia tocam
Os tamboris. A musica arrebatada!
Mulheres, tontas de volupia, chocam
Os estridulos tympanos de prata...

Tintinabulam campainhas de ouro.
Formosa Phrygia loira como Diana
Fere uma lyra de macio choro
— Mimo de cara tartaruga indiana.

+

Lauta mesa de raras iguarias
Posta ao luar. E' um veio cada vaso.
Vem-se pavões da Media, ostras, enguias,
Faisões do Egypto, passaros de Phaso,

Figos da Chelidonia, uvas de Athenas,
Petunclos de Méthymna, ameixas syrias,
Tamaras novas da Thebaida. Plenas
De vinho, as taças deitam linguas tyrias.

Espumejam os cyathos. Eroticos
Jovens batem os cymbios com luxuria;
Bebem-se vinhos tepidos e exóticos
De Cós, de Samos, de Chiraz, da Etruria.

Vasos etruscos voltam das adegas,
Corre o falerno olente e rubicundo,
Como o sangue, na furia das refregas,
Dailharga de um athleta moribundo.

A myrrha, nas caçoulas fumegando,
Desfaz-se em ondulancias de perfume . . .
De instante a instante, irrompem, saraivando,
Gritos de raiva, apostrophes de ciume.

Os rouxinões e os melros musicantes
Trinam alegremente nos aviarios,
Riçando as pennas, leves, saltitantes,
Sob o vasto clarão dos lampadarios.

E nos tanques de marmor cypolino
Vogam os cysnes — gondolas de plumas, —
Deixando á flôr do espelho crystallino
Fluctuantes bolhas, fluctuações de espumas . . .

Chegam os prisioneiros lusitanos
E gaulezes tomados em Carthago,
Mais possantes que os tigres africanos
Que a corça aterram com o bramir presago.

Abrem-se as flôres da sensualidade!
Plena nudez! Palpitam carnes brancas!
Como os granisos numa tempestade
Estalam beijos pelas boccas francas.

Cada mulher é um rio de luxuria
Onde brincam dous satyros: os seios,
Que, alvoroçados por extranha furia,
O bico entezam em febris anceios.

Os barbaros, arfando de lascivia,
Pedem com ternos olhos, deslumbrados,
O manjar de uma carne moça e nivea,
Uivando como os lobos esfaimados!

— «O meu collar de gemmas ao mais forte!»
Brada Herculano, o gasto sybarita,
E a lucta infrene cresce num transporte
Que o torvelim de uma batalha imita.

Mais doce agora a musica resôa!
Ronca de amor a multidão devassa!
A ultima rosa da ultima corôa
Desfolha-se no Chypre de uma taça...

Cada qual mais ardente e mais cioso
Arrasta para longe uma hetaíra:
Em cada peito, no apogeu do goso,
Maviosamente um coração suspira!

Estala o rosmaninho. Sacudidas,
As grandes amoreiras rumorejam.
Travam-se luctas. Laminas brunidas,
Como argenteos relampagos, lampejam.

Herculano de ciúme empallidece !
Falta-lhe a força antiga ! O miserando
Impreca o céu, que, concavo, parece
Um brazeiro de opalas flammejando . . .

Vêm as essencias fortes do Oriente :
Pastas aphrodisiacas, perfumes
Excitantes : mas tudo inutilmente . . .
Não se reaccendem apagados lumes !

As moças e os meninos com desvelo
Procuram reavivar-lhe a extincta chamma ;
Untam-lhe o corpo, beijam-lhe o cabello :
Mas nada mais aquella carne inflamma !

E o velho, com a feição transfigurada,
Foge ao triclinio, cambaleando, iroso,
A guedelha de suores empapada
— Neblina de um inverno doloroso !

Não me parece bem
Apoiado a um mancebo a que se achega,
Affaga collos com sensual caricia ;
Tenta a vida nos labios de uma grega,
Busca amores no seio de uma egypcia.

A paciencia lhe fuge ! Dilacera
O peito e esbofeteia os seus sequazes !
Contra a materia morta vocifera
Bramindo como doze satanazes !

— « Antes morresse o espirito ! » arquejante,
Brada, mordendo os pulsos doloridos ;
Anda, tropeça num casal possante,
Pára, escuta as palavras, os gemidos ;

Ri loucamente, applaude, espreita, espia,
E, na explosão do barbaro despeito,
Crava o estylete d'ouro, que irradia,
Na carne dos que gosam peito a peito,

Não entendido

As mulheres de subito, medrosas,
Fogem ao velho, pálpitas e bellas,
Accendendo entre as palpebras mimosas
Scintillações gemmíferas de estrellas!

Os instrumentos para longe atiram,
E, voluptuosas, ebrias, dissolutas,
Rojam-se aos pés dos ephebos... Deliram!...
Gemem de goso os satyros nas grutas!

Lacteas donzellas de olhos tentadores
Supplicam beijos, beijos e mais beijos,
Para apagar os lubricos ardores,
A vermelha flammancia dos desejos.

Herculano, raivoso, o passo incerto,
Manda cessar a bacchanal fremente:
Apenas se ouve o languido concerto
Dos beijos altos do connubio ingente!

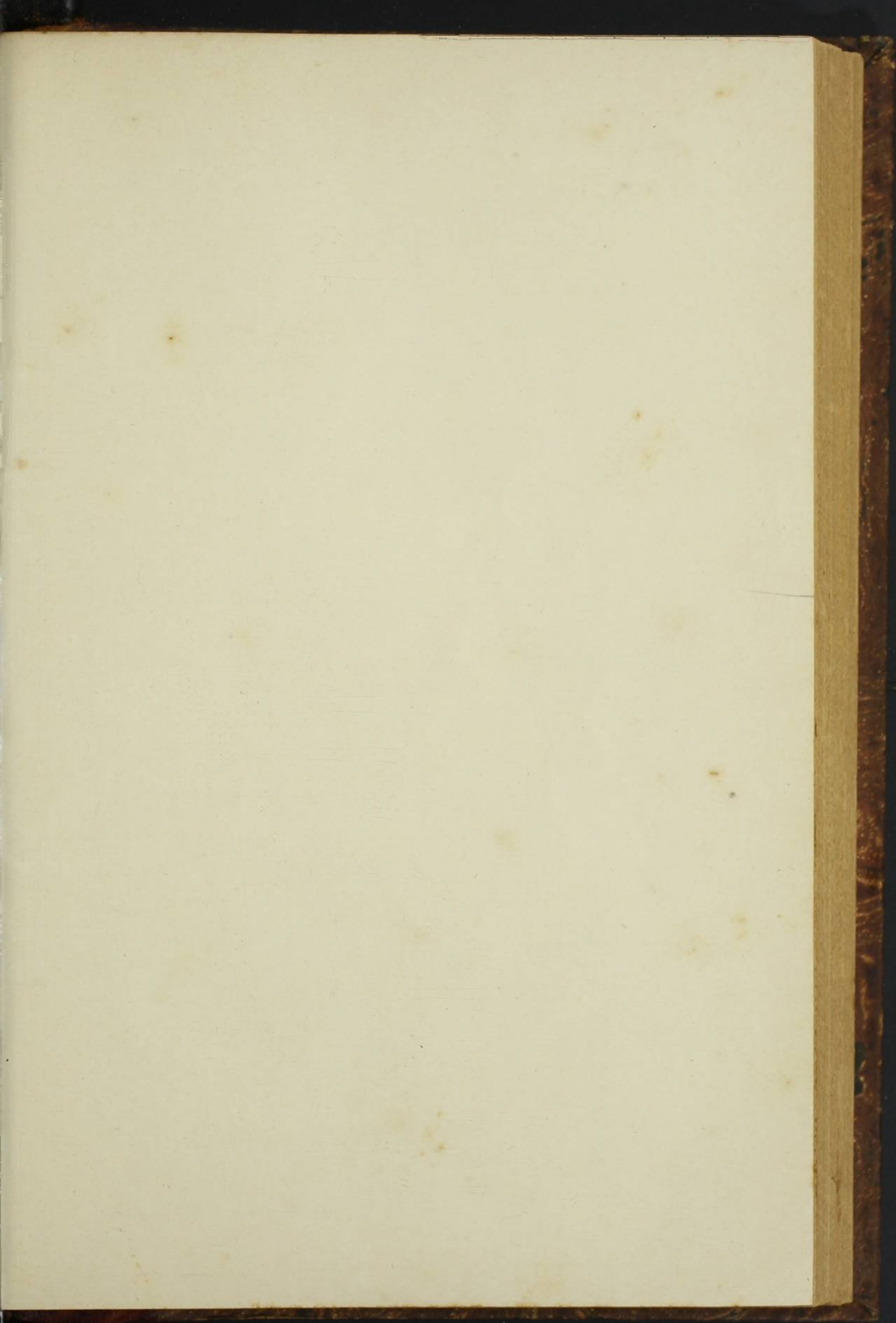
Tropego, o ancião desvia-se dos pares,
Foge da «villa» como de um inferno,
Volvendo ás gregas cupidos olhares...
Em vão! Não póde florescer o inverno!

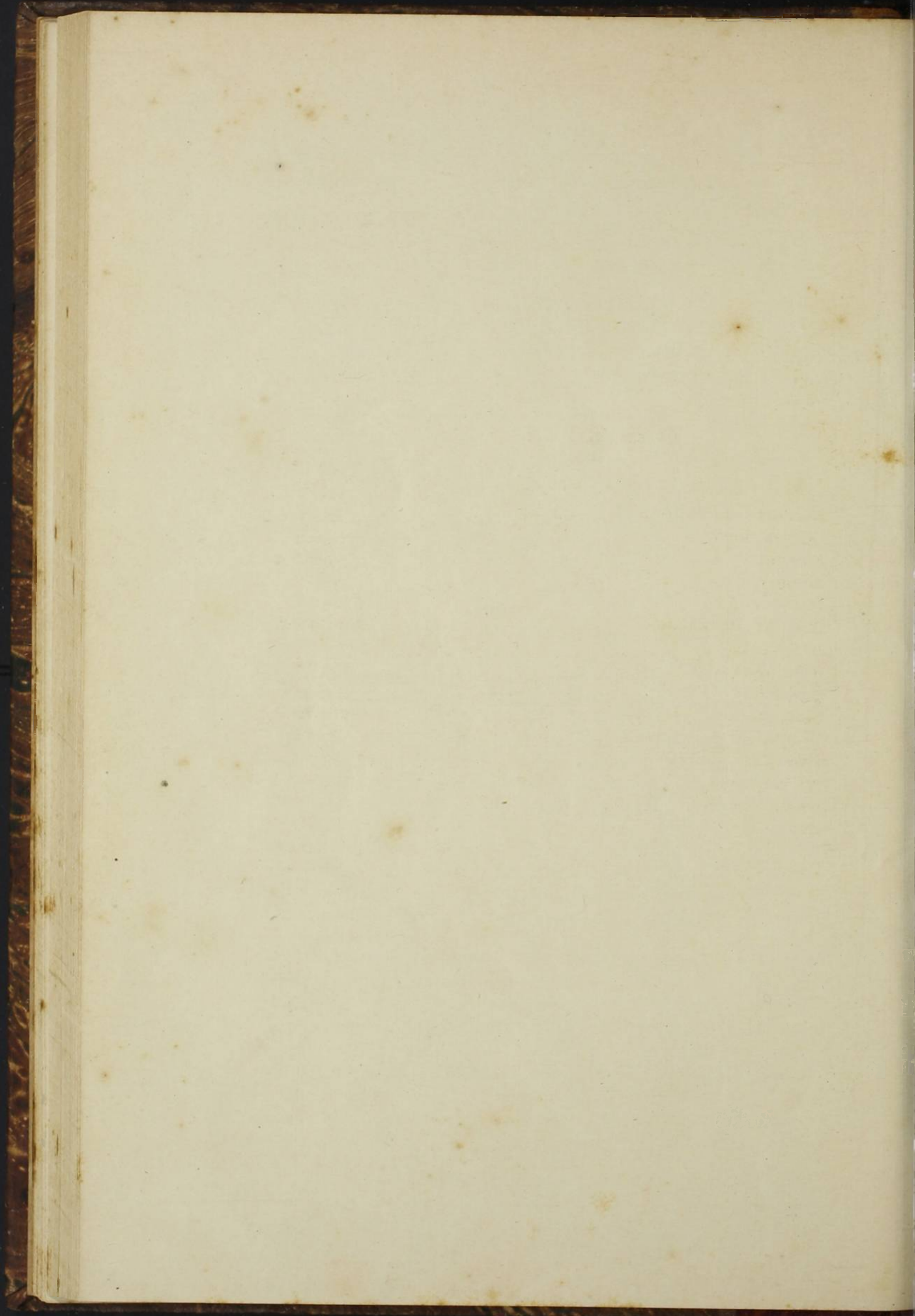
Corre, desvaira, e, em frente ao mar, que offega,
Estaca... O mar! o mar tambem!... A lua,
Hetaïra do Azul, ao mar se entrega,
Se entrega ao mar, como Amphitrite, núa!

De pé, na rocha — Tantalo sequioso, —
Horrendamente livido e convulso,
Vendo-se fóra do Eden delicioso,
Pragueja e grita, estorcegando o pulso!

Contra a impotencia — humilhação suprema! —
Clama num torvo rictus de pagão...
— «Antes morresse o espirito!» blasphema:
E mergulha no mar como um tritão...

(*) Grande parte destes versos são do maravilhoso estylista.





INDICE

PREFACIO AMOR

	Pag.
A morte de Petronio	19
O meu idéal	25
Phrynia	29
Milagre	32
O leque	33
A' hora da partida	34
A roseira	37
Reminiscencias	38
Consolado	40
Só	42
Immortal	44
Horas de sonho	45
A Saudade	47
Dous amores	50
Leda	53

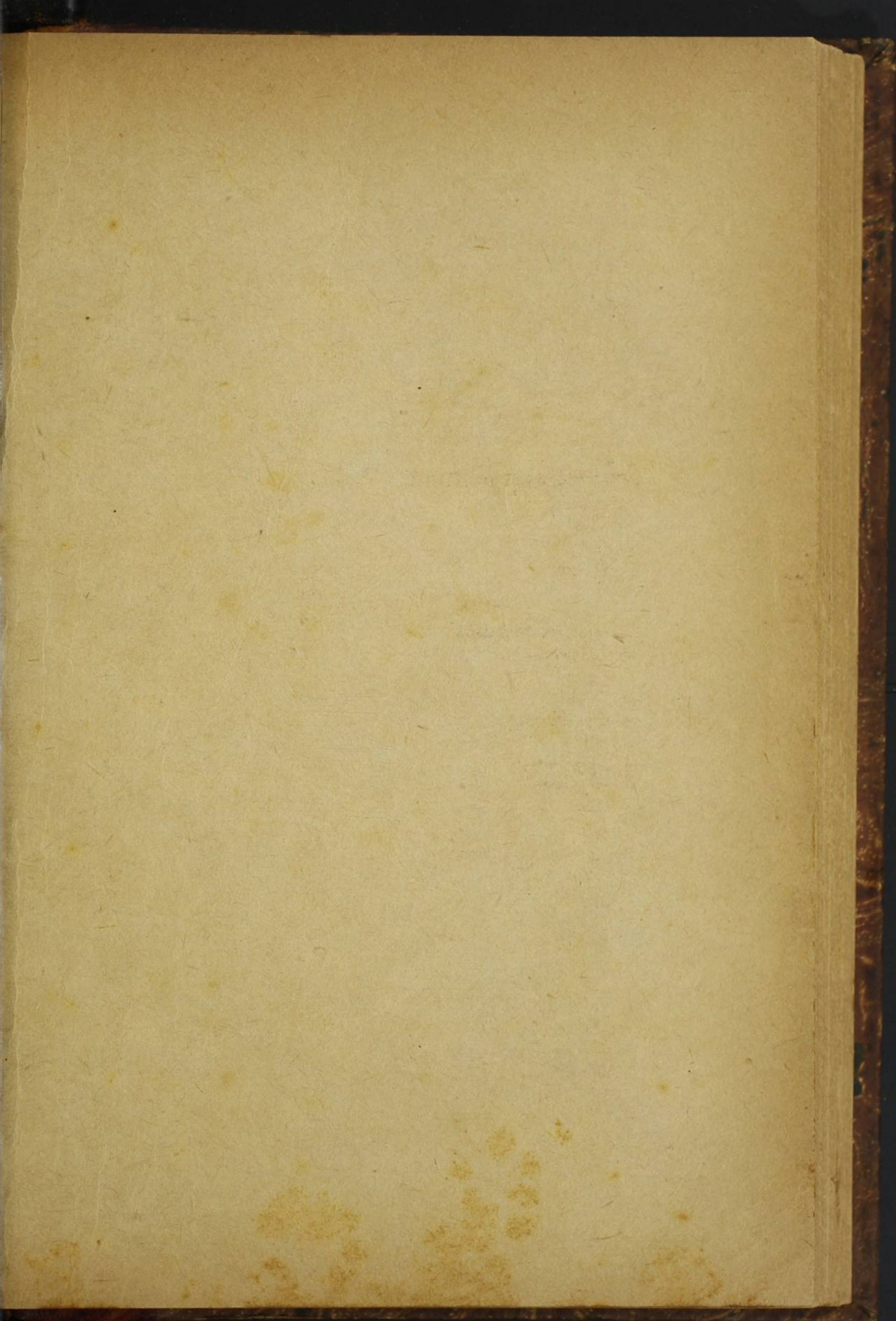
AQUARELLAS

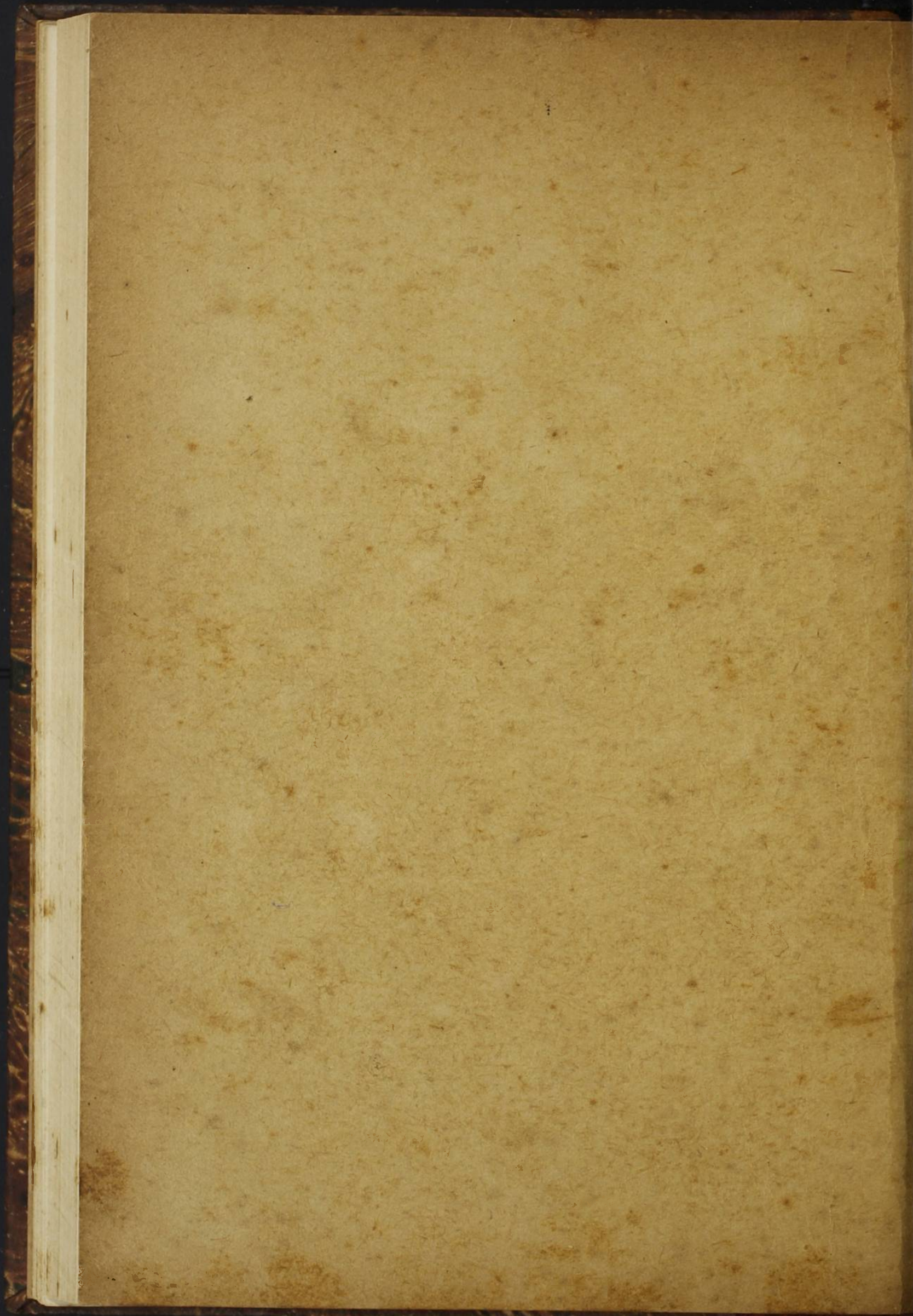
O aranhol	61
A concha	62
As estatuas	63
Aurora	64
A aguia	65
Veneza	66
Marinha	67
Cleopatra	68
Celia	69
Galathéa	70
A um poeta	71

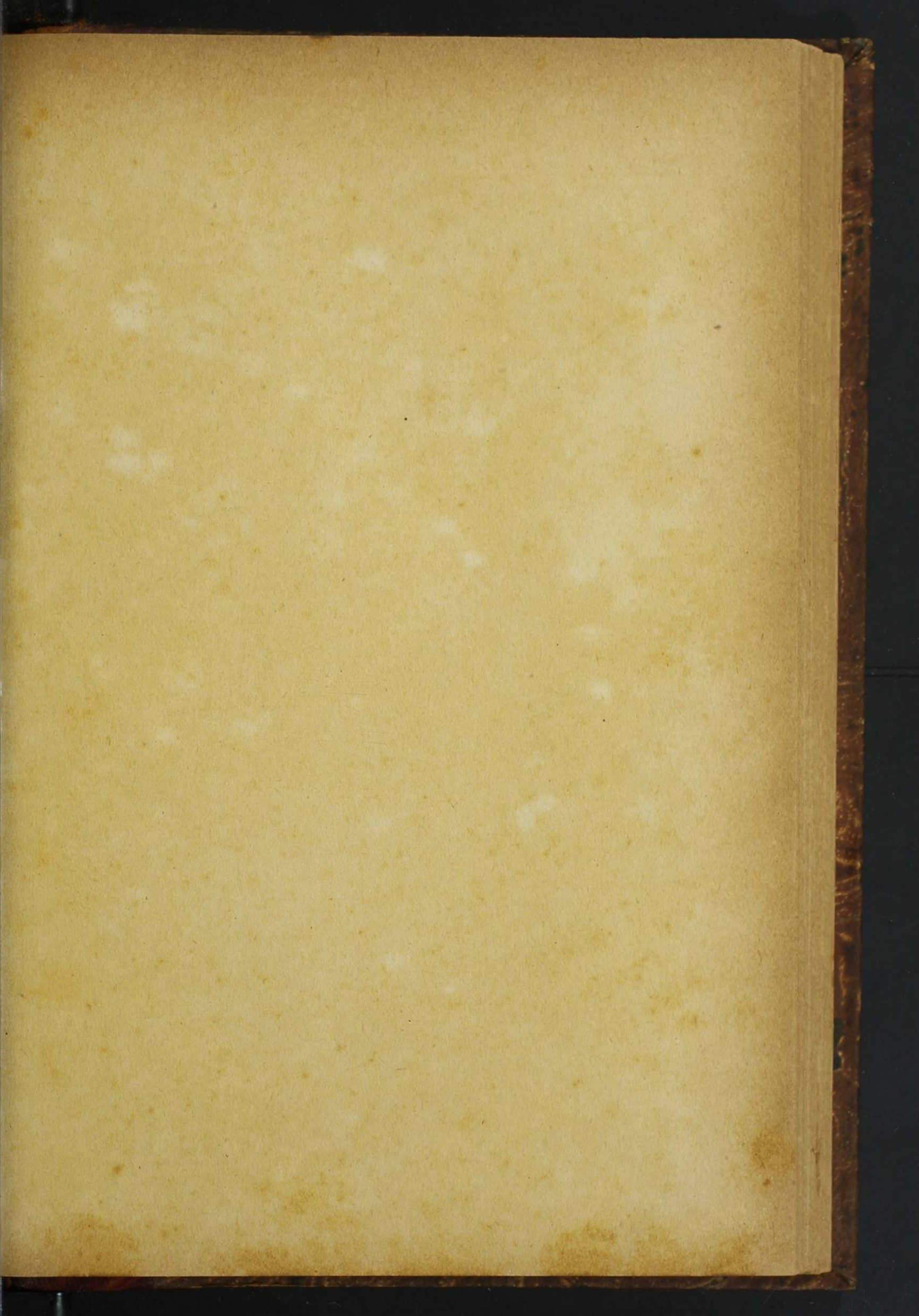
	Pag.
Ouvindo o teu piano	72
Manhã na roça	73
Meia noite	74
Natal de Phrynia	75
Fugitiva	76
No declínio	77
Confissão	78
Horas negras.	79
Coração defunto	80
Lar de lucto.	81
Visões	82
OS TRIUMPHADORES	
Alexandre	83
Annibal.	84
Cesar	85
Bonaparte	86

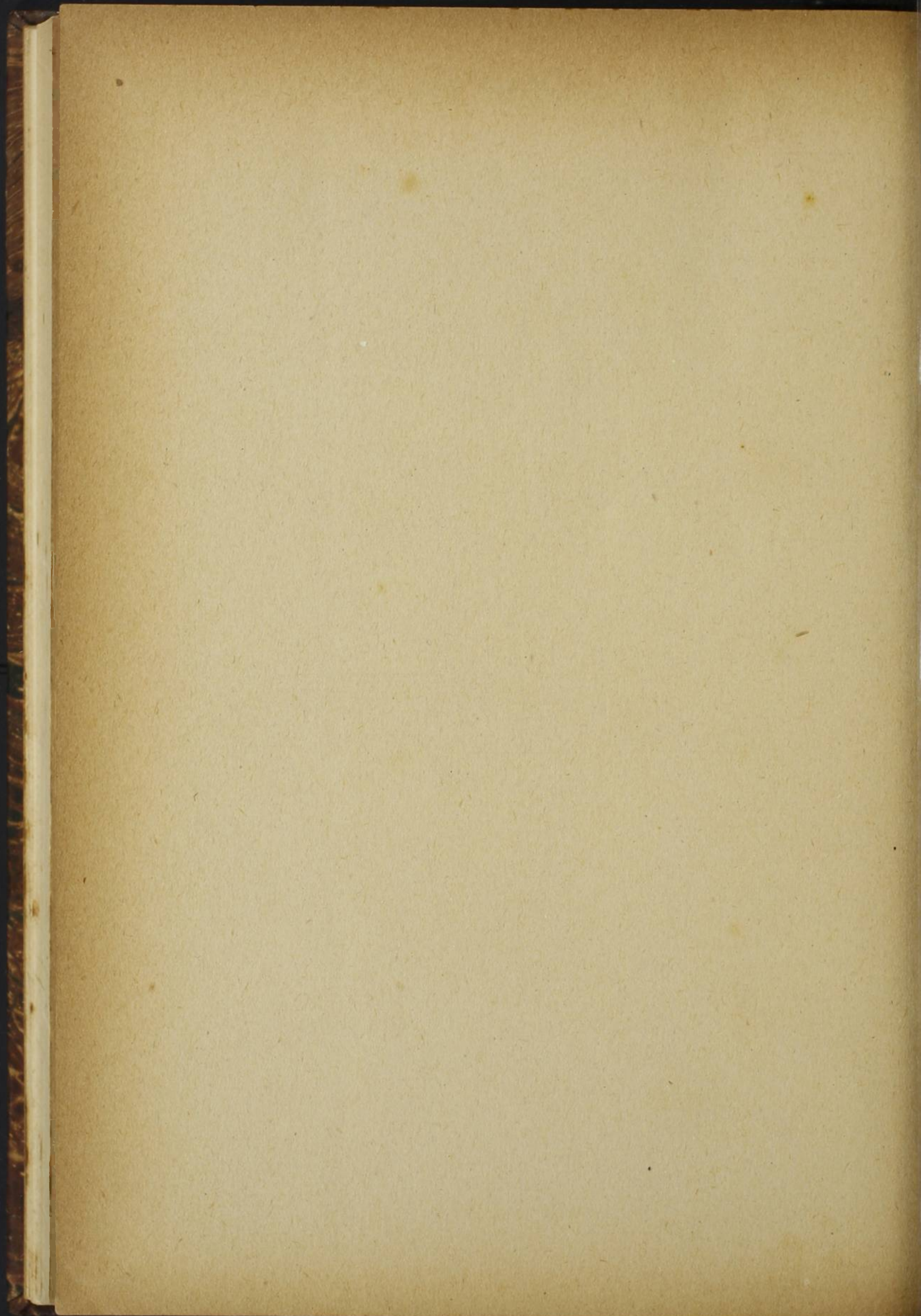
CAMBIANTES

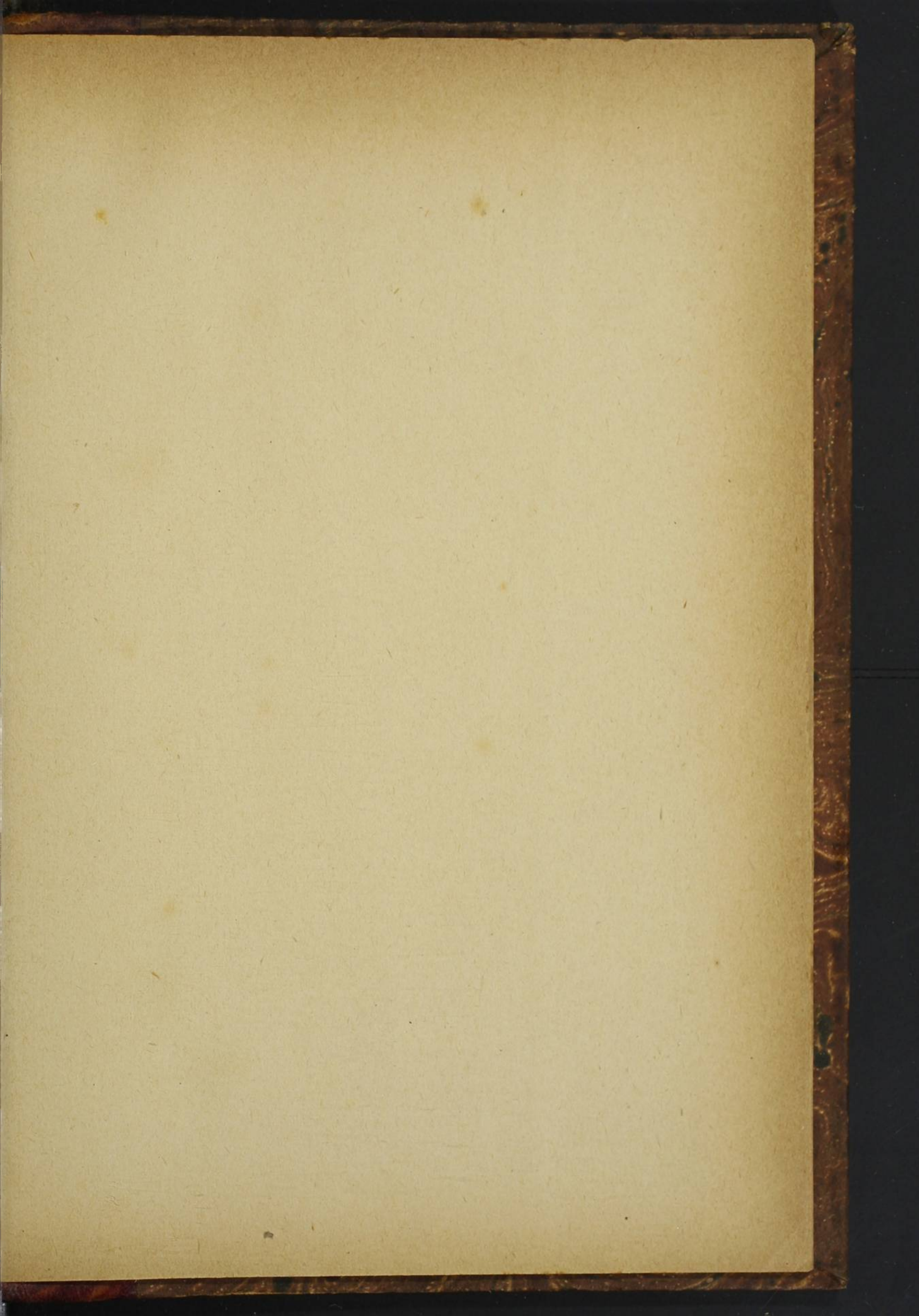
A um Conquistador	89
Ser condor	92
A' Jesus	95
A' Dor	96
A um avarento	97
Tuyuty	98
A tempestade	99
Casa paterna	102
De volta	103
Na roça.	104
A agonia da arvore	105
No campo	106
No valle	107
Na varzea	108
A torrente	110
Em Stambul	115
Visita nocturna	116
Balladilha	117
Sonho morto	118
Horas mortas.	119
Noite de amor	120
Noite de inverno	121
Tantalo	122

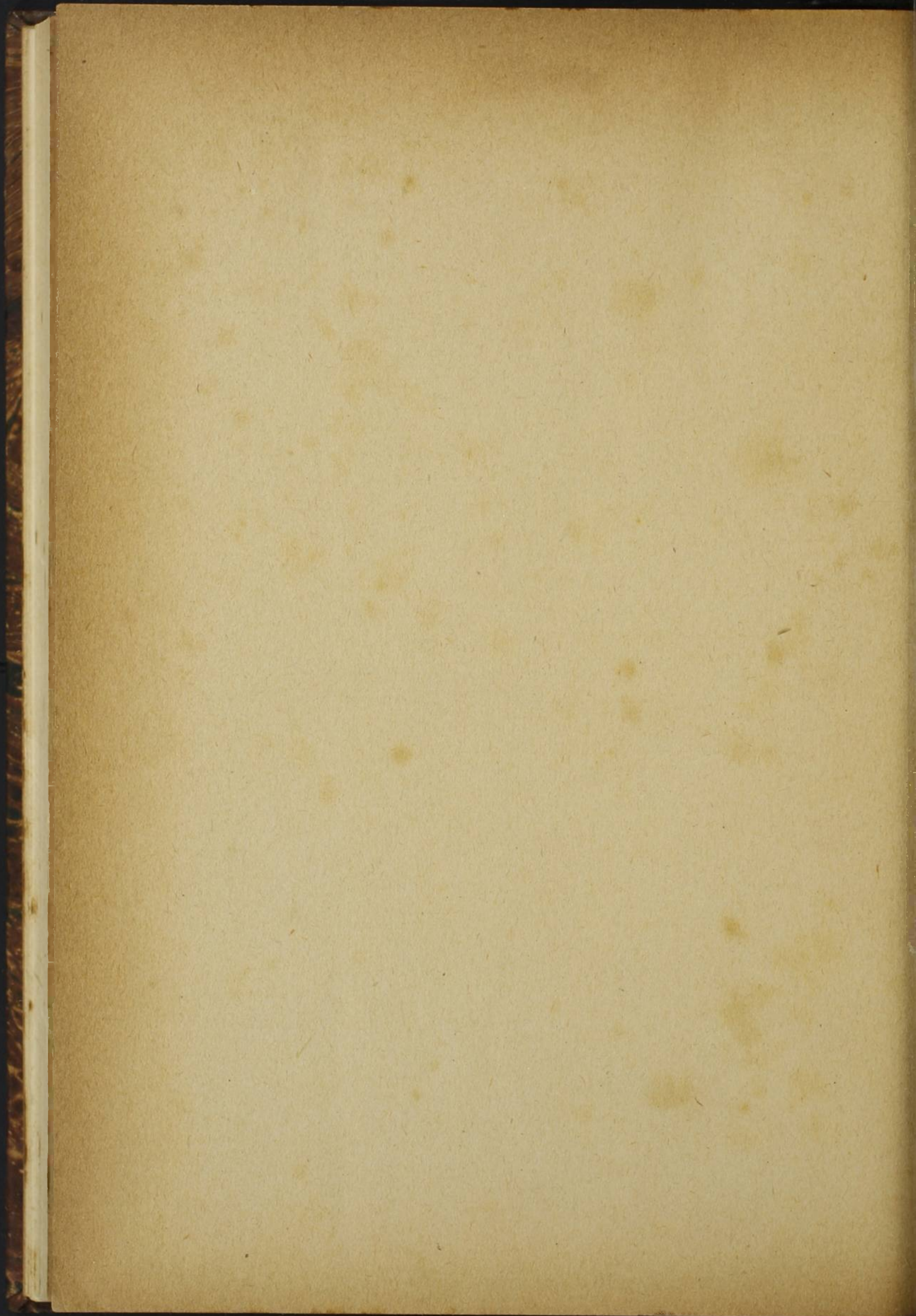


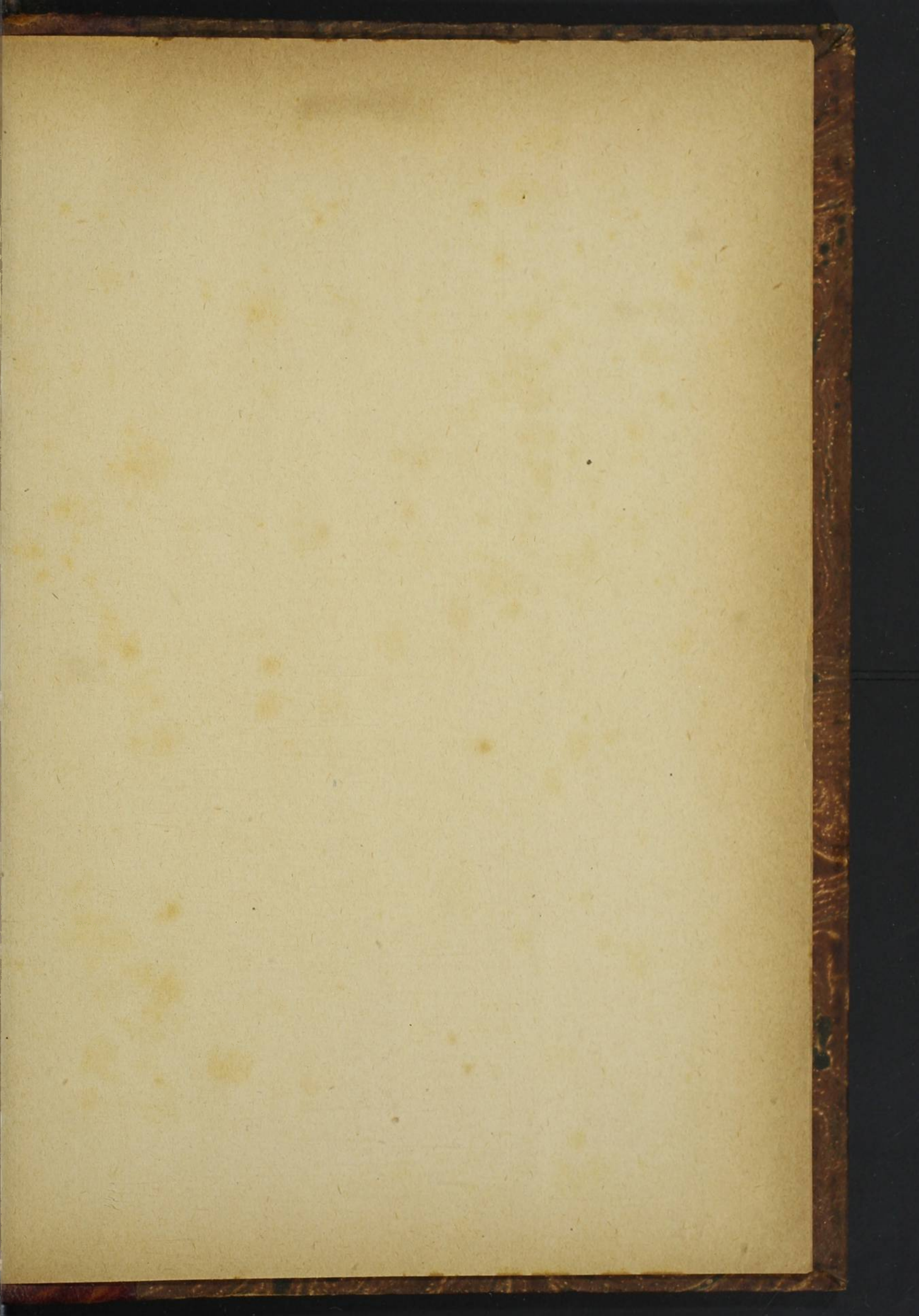












47957

